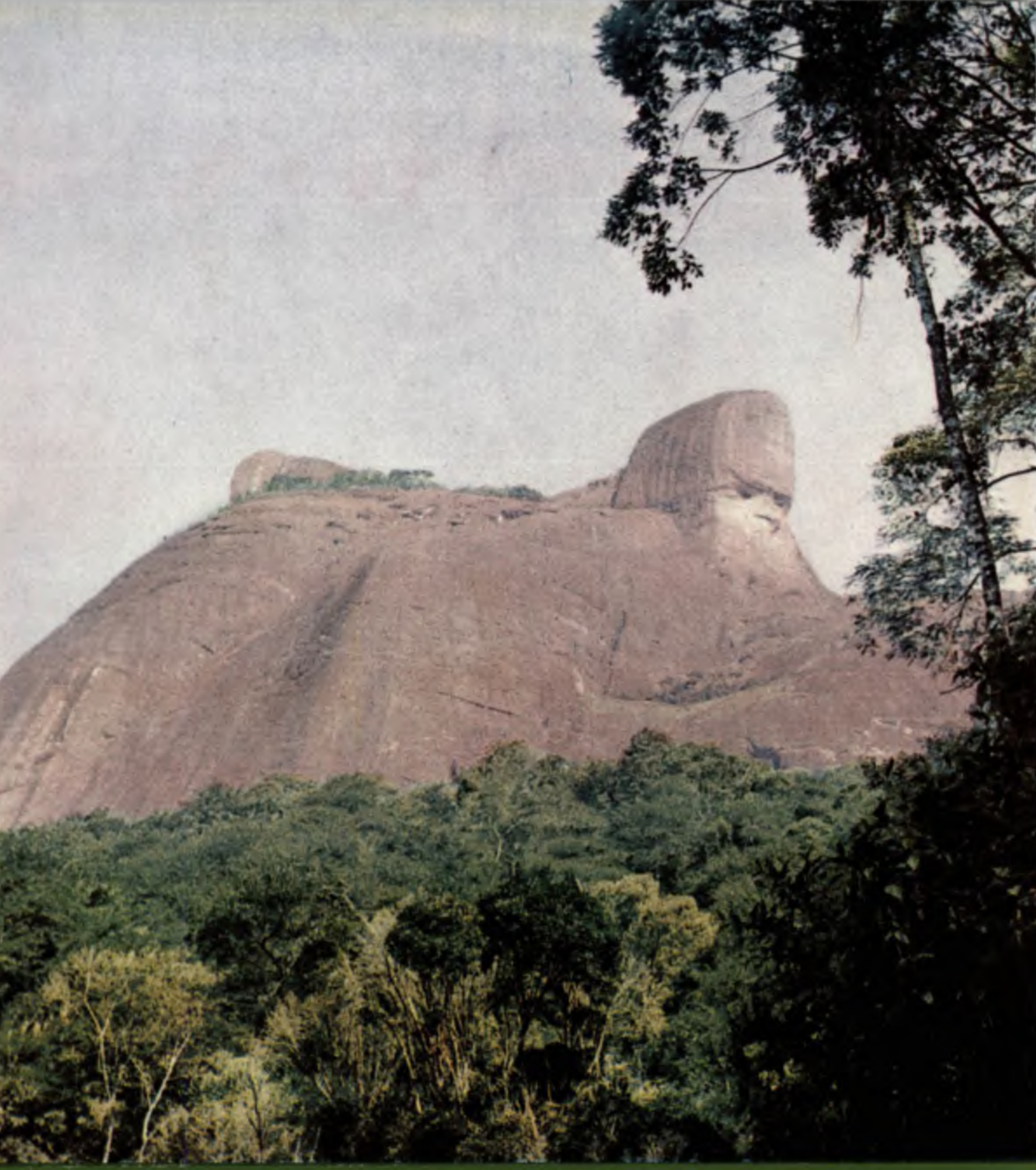
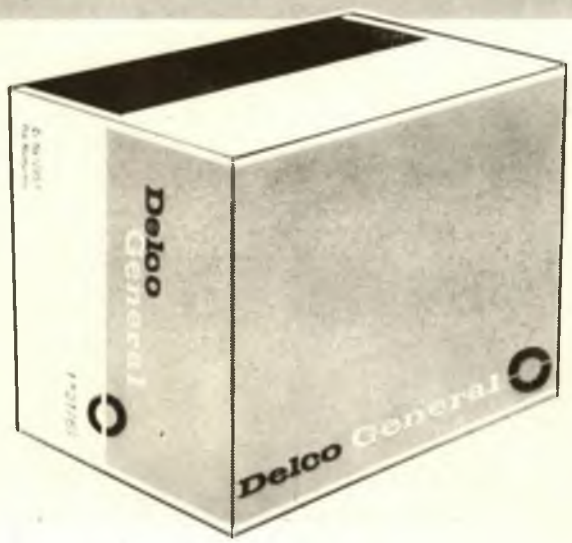


a Liahona

MARÇO DE 1964

"V. viu? As peças GM mudaram de nome. Agora chamam-se DELCO-GENERAL."

"...e também as embalagens mudaram. A qualidade todos já conhecem!"



Sempre que precisar repor uma peça, procure conhecer as vantagens de comprar peças DELCO-GENERAL legítimas. Existe uma linha completa para sua escolha - portanto V. leva a peça **certa**. E V. notará também na **nova** e inconfundível embalagem prêto-e-ocre, o Círculo de Qualidade. As peças DELCO-GENERAL legítimas são testadas uma-por-uma para sua completa tranqüilidade. Não faça experiências - leve a qualidade que você já conhece!

PEÇAS

Delco General

GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

índice

O privilégio de poder trabalhar é uma dádiva 6
As serpentes de fogo 12
Auscultando meu coração 24
Inaugurada e dedicada capela de Londrina 26
Trabalho de santos coroado com dedicação 27

ARTIGO ESPECIAL

Pedra da Gávea testificaria o Livro de Mórmon? 28

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do pensamento 3
Editorial 4
Mensagem dos Mestres Visitantes 14
Jesus, o Cristo 15
Sacerdócio nas missões 22
Poesia 31

a liahona

VOL. XVIII — N.° 3

MARÇO DE 1964

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editores
Finn B. Paulsen
Wayne M. Beck
Redatora
Diva Ferreira
Assistente de Redação
Irineu Petry
Fotógrafo
Charles R. Collins
Circulação
Maria Tereza Covacs

PREÇOS:

Exterior: ANO .. US$ 4.00
No Brasil: ANO .. Cr$ 500,00
Exemplar: ..... Cr$ 50,00

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215, C. P. 862, S. Paulo, SP, fone: 80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778, Curitiba, PR, fone: 4-8016

Registrado sob Nº 93 do Livro B, Nº 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto Nº 4.857, de 9-11-1930. Composto e impresso na Edit. Gráf. Rossolillo Ltda.- R. Rui Barbosa, 333, S. Paulo.

Jóias do Pensamento

OS EXCESSOS DA IDADE .. E A JUVENTUDE

RICHARD L. EVANS

Já falamos de moderação, amplitude mental e restrição, tolerância e intolerância, e de extremos e excessos em diferentes direções. Encerrando, comentamos que mesmo a moderação é, às vêzes, excessiva.

Abraçar o mal, ainda que com restrição, é corajosamente moderação num certo sentido. Partilhar do que não é bom, usar o que não deveria ser usado, fazer o que não deveria ser feito, é, no sentido mais puro, excesso.

É aparente que as realizações das pessoas geralmente balouçam como pêndulos, entre dois pontos bem distantes; de uma infra-ação a uma super-ação; da frouxidão, falta de entusiasmo, a uma obsessão excessivamente fervorosa.

Com o passar dos anos temos a tendência de adquirir mais moderação, algumas vêzes, em virtude de um julgamento mais maturo, outras por necessidade. Mas, é muito melhor evitar extremos, mesmo nos tenros anos.

"Os excessos de nossa juventude", disse certo observador, "são fardos em nossa velhice, pagáveis com interêsse, cêrca de trinta anos após." (Caleb C. Colton, 1780-1832, clérigo inglês.)

Àqueles que se atiram às coisas, que empurram tudo, que pressionam a vida com afobação e insistência — àqueles que se dispõem a empreender tudo com o máximo de velocidade, que buscam fortes emoções, àqueles que vivem a vida de ponta-cabeça, a êles disse Thomas Jefferson: "De tôdas as calamidades esta (a intemperança) é a maior." (Letter to Mary Jefferson Eppes, 1798) — isto é, êste rápido e vibrante ímpeto como se a pessoa desejasse viver a vida tôda de uma vez, êste amplo abraço de tôdas as oportunidades, sem uma consideração da segurança física, razão, consciência ou precaução.

Aquêles que aspiram extremos, que vivem contra a lei, os mandamentos, as convenções; contra as regras de segurança, as leis de saúde, contra o senso comum e simples — para todos os que se desesperam na corrida, que se arriscam, que dão tudo num só lance, uma raça, uma oportunidade, um momento, um impulso impetuoso — todos êstes devem urgentemente considerar que a vida é eterna; que há muitos dias e anos, e tôda uma eternidade. Precisam aprender a ponderar e analisar cuidadosamente tôdas as coisas, como uma visão dos valôres duradouros — e esta atitude de atrever-se a "viver perigosamente" não perdurará por todo o período da vida.

A emoção de um momento não vale o remorso de tôda a existência.

(A PALAVRA PROFERIDA, da Praça do Templo, apresentada pela KSL e Columbia Broadcasting System, em 21 de abril de 1963.)

Bôdas de Prata das Indústrias Deseret

EDITORIAL POR PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

Em 1897, quando me achava em minha primeira missão, distribuindo folhetos num pequeno e pobre distrito de Stirling, Escócia, aproximei-me de uma porta, a cuja batida atendeu uma mulher macilenta, que parou à minha frente, pobremente vestida, faces encovadas e despenteada. Ao pegar o folheto que eu lhe oferecia, perguntou-me numa voz áspera: "Com isso posso comprar pão?" E quando passei a explicar-lhe que isso não sòmente lhe daria pão, mas também algo muito mais precioso, um homem igualmente macilento e subnutrido surgiu e disse: "Que é isso?" Ela passou o folheto a êle, ajuntando: "Vendedor de Evangelho. Feche a porta!"

A partir dêsse momento eu tive uma profunda convicção de que a Igreja de Jesus Cristo deveria e está interessada na salvação temporal do homem. Eu me afastei da porta sentindo que aquêle casal, com amargura no coração para com os homens e Deus, não estava em situação de receber a mensagem do Evangelho. Êles estavam necessitados de ajuda temporal, e não havia organização, em Stirling, tanto quanto eu soubesse, que lhes pudesse dar essa grande ajuda.

Interêsse autêntico pelo bem-estar de nossos irmãos também tem sido um fator constante na Igreja restaurada. As bases do programa foram dadas a êste povo pelo profeta Joseph Smith e o espírito do mesmo é sinônimo do nosso pioneirismo. Êle foi reativado na conferência geral de abril de 1936, durante a administração do Presidente Heber J. Grant, como o programa de bem-estar de nossa igreja.

O supremo propósito do plano é o de ajudar as pessoas a se ajudarem, substituindo por independência a falta de meios, por atividade e trabalho a indolência e a ociosidade, perniciosas a todo o indivíduo.

Meramente o fornecer alimentos, roupa e proteção aos necessitados não é tarefa difícil para a Igreja, com suas organizações completas, como prontamente se pode constatar por seus quoruns de sacerdócio e sua extraordinária Sociedade de Socorro.

É responsabilidade de qualquer dêsses grupos cuidar do bem-estar de seus membros. Assim, em seu cumprimento dos deveres dentro da Igreja, o qual é realizado independentemente de considerações monetárias, as condições, tanto financeiras como espirituais, de cada família devem ser verificadas. Essas condições são reportadas ao bispo, cujo dever é providenciar a adequada assistência de que a família necessita.

O profeta Joseph Smith assegurou-nos repetidamente que Deus não sustenta o ocioso, e que o ocioso não tem lugar na Igreja. E isso incluía todos os membros da Igreja, inclusive os deficientes. Essas pessoas, cheias de fé, oravam pela grande oportunidade de ganharem o pão com o suor de seu rosto; aguardavam sua chance de manter a cabeça erguida, enquanto ganhavam seu próprio sustento temporal.

A fundação das Indústrias Deseret, vinte e cinco anos atrás, preencheu suas necessidades. Essas indústrias também proporcionaram trabalho para muitos dos nossos que a indústria considerava demasiado velhos para trabalho remunerado.

Qualquer sistema, govêrno ou organização que proscreva a iniciativa individual não é fundada em princípios sãos. Portanto, qualquer sistema "doloso" que presta assistência ao indivíduo sem nada lhe exigir em troca, tende a instilar o hábito da preguiça e afasta a auto-suficiência.

Nas Indústrias Deseret, o trabalho individual é fixado de acôrdo com a capacidade de trabalho. Aqui, estamos seguros, são encontradas algumas das pessoas mais felizes da face da terra. Elas estão trabalhando; elas estão produzindo, e não aceitam nada sem retribuição de trabalho.

Dar alguma coisa a alguém em troca de nada, como uma mercê, é contrário aos ensinamentos fundamentais da Igreja. O real propósito das indústrias é fomentar a independência de cada pessoa, tornando-a capaz de ganhar o seu sustento, a fim de substituir a indolência por ganho e produtividade.

As Indústrias Deseret foram estabelecidas para o benefício do indivíduo. São funções dêsse programa:

(1) Prover ajuda material a todos os que estejam necessitados.

(2) Desenvolver nêles a auto-confiança.

(3) Incrementar entre os membros da Igreja o verdadeiro espírito da fraternidade em Cristo, tendo em mente, em tôda atividade, as palavras divinas: "...quando o fizestes a um dêstes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mat. 25:40.)

(4) Sobretudo, conferir e adicionar espiritualidade a ambas as partes, aos contribuidores e beneficiados, "para tornar-nos reais servos de Deus."

É coisa de valor prover roupas aos pobremente vestidos, fornecer alimento àqueles cuja mesa é parca, dar atividade aos que estão lutando desesperadamente contra o desânimo que advém do ócio involuntário, mas, ao final de tudo o que é dito e feito, as maios bênçãos que provêm das Indústrias Deseret são, indubitàvelmente, espirituais.

Na seção vigésima nona de Doutrina e Convênios, é-nos dito que "...tôdas as coisas Me (ao Senhor) são espirituais, e em tempo algum vos dei Eu uma lei que fôsse temporal; nem a homem algum, nem aos filhos dos homens; nem a Adão, vosso pai a quem criei. Eis que Eu concedi que êle fôsse o seu próprio árbitro; e lhe dei mandamentos, mas nenhum mandamento temporal lhe dei Eu, pois os meus mandamentos são espirituais; não são naturais, nem temporais, nem carnais, nem sensuais." (D. & C. 29:34-35.)

Há mais espiritualidade expressa no dar do que no receber. As maiores bênçãos espirituais advêm de se ajudar a outros. Se deseja ser miserável, basta alimentar ódio por um irmão, e, se desejar odiar, cause ao seu irmão algum dano. Mas, se deseja ser feliz, preste um bom serviço, faça alguém feliz.

Há também a convicção de que estamos fazendo alguma coisa para tornar o mundo melhor. A Igreja é instrumento no prestar serviços mútuos com ordem e sabedoria.

«O privilégio de poder trabalhar é uma dádiva e a energia uma bênção; o amor ao trabalho é triunfo.»

por Doyle L. Green

(Extraído de The Improvement-Era)

Quando o marido de Ellen faleceu, deixando-a viúva aos 75 anos, pareceu-lhe, também, ter chegado ao fim da jornada. Era pouco mais do que um feixezinho humano. Mal pesando 40 quilos, era encurvada e frágil. Mas, graças ao programa de assistência à velhice e à atenção de filhos amorosos, pensava-se que ela ao menos estaria cercada de cuidados, enquanto se arrastasse pelos dias afora, até chegar ao seu fim.

Todavia, Ellen não estava disposta a morrer logo nem a aceitar caridade. Ela acreditava num evangelho de obras. Havia vivido dias bons e produtivos. Desejava continuar a ser útil; queria fazer as coisas à sua própria maneira. Mas, poderia uma senhora de 75 anos achar emprêgo?

Jim era empreiteiro. Forte e robusto, sentia prazer em desafiar trabalhos difíceis e construções. Mas, um cruel acidente esmigalhou seus pés e deixou-o sèriamente prejudicado. Abalou-lhe também o moral. A vida perdera seu propósito e seu sentido. De que vale um aleijado de meia idade?

Após um ataque de escarlatina, quando ainda menina, Bonny sofreu um choque que a privou do uso do braço direito e de parte dos movimentos da perna direita. Aparentemente ela não tinha chance alguma para o que se considerava uma vida normal. Não podia correr, brincar ou freqüentar a escola como as demais crianças. Teria uma vida sempre vasia e sem sentido?

Kenneth tinha quase trinta anos, quando a poliomielite o derrubou. Embora sua vida tivesse sido poupada, essa doença deformante roubou-lhe o pleno uso dos braços e das pernas. Achar emprêgo parecia fora de cogitação. Quão melancólicos, depressivos e vasios de esperança se afiguravam os longos anos vindouros.

Ellen, Jim, Bonny e Kenneth são pessoas reais. Suas histórias são verdadeiras e representam literalmente centenas de outras que podem ser repetidas. Poderiam ser trágicas, não fôra um programa conhecido como Indústrias Deseret, organizado pela Igreja há vinte e cinco anos atrás, para ajudar justamente pessoas assim.

O que fizeram as Indústrias Deseret por Ellen, Jim, Bonny e Kenneth?

Ellen está agora com 80 anos. Nos últimos cinco anos tem trabalhado regularmente e tornou-se ágil em operar um tear manual. Orgulhosamente exibe os finos tapêtes que tece. Sua saúde é boa. Ela é otimista e espera trabalhar ainda muitos anos.

Jim tornou-se técnico reparador de pequenos aparelhos. Conserta tostadores, quebra-luzes, ferros de engomar, rádios e aspiradores. Diàriamente comparece à oficina, onde suas hábeis mãos mantêm-se ocupadas. Parece bem disposto e feliz.

Bonny, já agora adulta, aprendeu a lidar com um ferro de passar roupa

a vapor, especializando-se em dar acabamento em saias. Tão eficiente tornou-se que fazia mais com seu único braço e mão útil do que outros com duas. Tem amigos entre os empregados; sente-se útil e necessária; desenvolveu sua doce personalidade e é sinceramente grata ao seu trabalho.

Quando Kenneth pela primeira vez procurou trabalho, o gerente pôde pensar sòmente num único serviço para êle. Gostaria de tentar operar a mesa telefônica (PBX)?

Foi uma feliz sugestão e Kenneth aceitou com entusiasmo. Em breve aprendeu a manipular bem os cabos telefônicos. Logo as pessoas começaram a perguntar: "Quem é o jovem delicado que atende ao telefone?" Subseqüentemente, foi-lhe oferecido emprêgo similar em uma certa indústria particular.

O valor do trabalho foi há muito reconhecido pela Igreja como essencial ao progresso, dignidade e bem estar do homem. "No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra..." o Senhor disse no passado. (Gênesis 3:19.)

Brigham Young declarou: "— Minha experiência ensinou-me e transformou-se num princípio para mim, que nunca se deve dar auxílio a qualquer pessoa; dinheiro, alimento, vestimenta, ou qualquer outra coisa, se ela é apta e sadia e pode trabalhar e obter o que necessita, uma vez que há tanto para ser feito sôbre a terra. Adotar atitude contrária arruinará qualquer comunidade na terra, tornando-a ociosa." (Discursos de Brigham Young, p. 381.)

Concluindo que essas verdades se aplicavam tanto aos deficientes como aos mental e fìsicamente aptos, a Primeira Presidência da Igreja, em agôsto de 1938, anunciou o programa de organização das Indústrias Deseret.

Êsse programa foi instituído especificamente para ajudar os membros da Igreja, que em virtude de incapacidade produzida por acidente ou enfermidade, distúrbios mentais ou emocionais, idade ou outras causas, não possam competir no mercado normal de trabalho.

O programa não era sòmente para prover emprêgo, mas também para oferecer treinamento e reabilitação aos trabalhadores, ajudando-os a realizarem o mais alto aproveitamento intelectual, físico, vocacional, social e espiritual de que eram capazes.

As Indústrias Deseret tinham por objetivo primordial uma operação de coleta e recuperação, que recolheria, repararia, recondicionaria e venderia tôda sorte de roupas e utensílios domésticos, que teriam considerável valor para o programa, mas pouco para aquêles que fariam os donativos.

Começaram modestamente na cidade de Lago Salgado, com um punhado de trabalhadores e um fundo de cento e cinqüenta dólares, com os

quais foi adquirido um caminhão e algumas ferramentas de trabalho. Nos primeiros dois anos, foram empregadas quase cinqüenta e cinco pessoas.

Mas, êsse programa teve tanto sucesso que cresceu ràpidamente e hoje existem fábricas e armazéns, não sòmente na cidade de Lago Salgado, mas também em Los Angeles, Colton, na California, e em Ogden, Logan e Provo, no Estado de Utah. Neste verão foram abertos em Mesa, Arizona, uma fábrica e um armazém. Cogita-se também estabelecer operações em outras áreas populosas da Igreja.

Mais do que 550 pessoas em situação desvantajosa, trabalham sob a supervisão de aproximadamente 80 "operários-chave", fazendo disso um meio de vida total ou parcial. Através do projeto de Mesa estão dando oportunidade a mais outras 50 a 75 pessoas. Muitas dessas pessoas, de outra forma, estariam ociosas e dependentes do plano de bem estar da Igreja.

Nos últimos vinte e cinco anos, centenas de pessoas deficientes puderam desfrutar dêsse programa, muitas das quais se transferiram para emprêgos mais bem remunerados na indústria privada, em virtude de perícia e confiança, adquiridos através de experiência em seu trabalho.

Desde 1938, estêve em circulação uns doze milhões de dólares; outros onze milhões foram distribuídos e o mais importante de tudo é que centenas de pessoas deficientes foram capazes de desfrutar da grande bênção de conquistarem sua própria meta. Além dos investimentos de capital inicial feitos pela Igreja, o programa é auto-suficiente.

O sucesso das Indústrias Deseret depende da estreita cooperação entre bispos e membros da Igreja em geral. Na realidade, é um programa de bispos, uma vez que os trabalhadores, das zonas próximas das indústrias são recomendados pelos bispos das Alas e os produtos processados ficam também à sua disposição para distribuirem entre os necessitados, como parte do programa de bem estar da nossa Igreja.

Os trabalhadores em perspectiva são membros da Igreja que necessitam de ajuda financeira ou reabilitação, pessoas capazes e desejosas de trabalhar e não consideradas aptas para o trabalho normal, por médico. É, entretanto, necessário que sejam capazes de se locomover até o trabalho.

Nas oficinas, lado a lado com os incapacitados, há duas classes de trabalhadores voluntários normais: (1) os temporàriamente desempregados e (2) os aposentados ou financeiramente independentes, que dispõem de tempo que queiram doar. Os bispos são encorajados a encaminhar pessoas nessas situações às Indústrias Deseret, de forma que elas, também, possam usufruir as bênçãos do trabalho e escapar da ociosidade.

Uma excursão numa dessas fábricas é uma experiência fascinante. Aí poderão ser encontradas muitas pessoas agradáveis como Ellen, Jim, Bonny e Kenneth: os idosos, os ambliopes, homens com apenas um braço ou uma só perna, muitos com

problemas emocionais ou deficiências mentais e outros que apenas fazem uso limitado das pernas e braços.

Todos se acham ativamente empenhados numa variedade de serviços, descarregando caminhões, separando mercadorias; lavando roupas, mesmo a sêco, com os mais modernos equipamentos; consertando; costurando; passando e enfardando mantas; reparando, recondicionando e renovando mobílias e ferramentas; tecendo tapêtes, reparando utensílios e metais.

Em tôdas as dependências podem ser vistos sorrisos e ouvidas risadas. Sente-se que o nome "Deseret (palavra jaredita encontrada no Livro de Mórmon, que significa colmêia) Industries" está bem aplicado. Os trabalhadores são pagos de acôrdo com o trabalho realizado. Todos êles são estimulados a procurar e aceitar trabalho em indústrias privadas.

Muitos dêles compram quase tôdas as suas roupas e outras utilidades nos depósitos e têm, ainda, a oportunidade de obter produtos alimentícios dos armazéns dos bispos a preços bem convenientes. Seus salários são em dinheiro.

Tôdas as fábricas fazem exame médico gratuito aos trabalhadores. Êsse exame indica a sua capacidade e determina o tipo e quantidade de trabalho que podem ser esperados, além de auxiliarem nos processos de reabilitação.

Uma jovem de 18 anos, por exemplo, chegou a uma das fábricas com a recomendação do seu bispo. Ela abandonara a escola no curso secundário e era acanhada, tímida e retraída. Na máquina a vapor de passar roupa, onde foi colocada, sentia freqüentes vertigens e acessos de vômitos. O exame médico constatou ser possuidora de séria amidalite.

Informado seu bispo, foram tomadas tôdas as providências para a sua operação. Em três semanas estava de volta ao trabalho, sentindo-se bem Logo depois conseguiu uma colocação no hospital e após algum tempo parecia outra moça — saudável, loquaz e despachada. Expressando sua profunda gratidão, disse: "Devo tudo isso a vocês todos."

Tôda manhã, antes do início das atividades, realizam um breve serviço religioso, em que tomam parte tanto

os trabalhadores como os convidados especiais. Essas reuniões propiciam um ambiente agradável para a jornada de trabalho.

Algumas fábricas estão providas de amplas e finas salas para refeições ligeiras, onde podem ser adquiridos excelentes almôços quentes, a preços bem razoáveis. Indubitàvelmente, para muitos dos trabalhadores esta é a mais nutritiva e satisfatória refeição do dia.

Os bispos são aconselhados a usar as mercadorias recuperadas pelas Indústrias Deseret para auxiliar os que necessitam de assistência em suas Alas, de preferência a lançarem mão de suprimentos do armazém do bispado ou gastarem os fundos das ofertas de jejum. Há vários relatórios da utilização dessas referências.

Um bispo tomou conhecimento de que os membros de certa família de sua Ala dormiam no chão. Investigando o caso, descobriu que, embora a família já residisse há muito tempo na casa, ainda não havia podido adquirir a mobília necessária. No dia seguinte, providenciou camas e demais peças do estoque existente nas Indústrias Deseret.

Numa cidade da California, a casa de uma família incendiou-se queimando até os alicerces, destruindo tudo quanto possuiam seus membros, com exceção da roupa que tinham sôbre o corpo. O presidente do ramo ajudou-os a se alojarem numa casa alugada e conseguiu, através das Indústrias Deseret, reconstruir a sua.

Dentro de vinte e quatro horas um furgão parou à porta da casa e os trabalhadores descarregaram a mobília de uma sala de estar, tapêtes, mesas, cadeiras, fogão, louça, utensílios de cosinha, máquina de lavar roupa, aspirador, camas, travesseiros — quase tudo que necessitavam para instalar sua nova casa, tudo fornecido pelo estoque das Indústrias Deseret. Nada era nôvo, mas, provàvelmente, igual ou melhor do que tinham antes. Diante disso, uma explosão de agradecimentos e satisfação fluiam de seus semblantes ao testemunharem o milagre. Mas, ainda não era tudo. A família foi levada aos depósitos das Indústrias Deseret e todos os seus membros supridos de roupa suficiente, até reorganizarem sua vida novamente.

Numa cidade de Utah, um bispo notou que a roupa de um rapaz do Sacerdócio Aarônico estava muito surrada. A família estava mantendo um filho em missão e o dinheiro não era suficiente para cobrir as despesas. Entretanto, a situação ficou remediada quando o jovem e outros membros da família receberam roupas das Indústrias Deseret.

Quando desastroso flagelo feriu a cidade de Yuba, California, EUA, em dezembro de 1955, e a região de Bannock nos últimos dois anos, as Indústrias Deseret forneceram numerosas mantas, travesseiros, colchões, utilidades domésticas, equipamentos e roupas para suprir as famílias neces-

sitadas. Suprimentos semelhantes têm sido enviados a várias outras áreas também atingidas.

Tanto os membros da Igreja como o público em geral, são convidados e encorajados a comprar e lucrar com as mercadorias recondicionadas disponíveis nos depósitos das Indústrias Deseret. Muitos de nós ficaríamos surpresos com a grande variedade e alta qualidade apresentada pelos produtos em oferta.

No departamento de roupas dos depósitos, podemos encontrar uma grande variedade de vestimentas quase novas e tôdas, realmente, em excelentes condições.

Um bispo ouviu dizer certa vez: "Eu gostaria de poder usar a espécie de roupas que você usa. Seu terno parece-me sempre nôvo." — "Você pode — foi a resposta — se os adquirir onde eu os adquiro."

Muitas peças de mobília, utilidades, livros, louças, bonecas, brinquedos etc. podem ser adquiridos. Os chefes de família são presenteados com gravatas, camisas esporte, malhas, livros e outros artigos de uso pessoal adquiridos através dêsse programa.

Muitas famílias compram boa parte de suas roupas nos armazéns das Indústrias Deseret. "Eu não sei como seria possível vestir nossos filhos — ouviu-se um pai dizer — se não houvessem essas vantagens". Um presidente de ramo com família numerosa, escreveu: "Saibam que êste armazém salvou nosso casamento. Estávamos constantemente questionando em matéria de dinheiro, mas desde que descobrimos os armazéns das Indústrias Deseret, pela primeira vez, em anos, conseguimos que nossos objetivos se identificassem."

"Comentam meus vestidos finos e admiram-se de como posso ter diferentes vestidos", disse uma viúva. "E sinto-me orgulhosa em informá-los que os obtenho de uma loja muito exclusiva, que vende sòmente um exemplar de cada modêlo — as Indústrias Deseret."

O irmão Howard Barker, presidente do Comitê Geral das Indústrias Deseret, estava acompanhando as representantes da Sociedade de Socorro a um dos armazéns e propos-lhes que cada uma comprasse um chapéu. A irmã Bella Spafford, presidente geral da organização, selecionou um que custou-lhe Cr$ 990,00. Gostou tanto do modêlo que o usava constantemente, inclusive vestiu-o numa convenção nacional feminina, onde o exibia com orgulho, como produto das Indústrias Deseret e a forma econômica pela qual pôde adquiri-lo.

As Indústrias Deseret, na cidade de Salt Lake, têm uma fábrica de tapêtes e uma indústria de cobertores e as peças produzidas são manuseadas por todos os ramos. Tapetes finos, de estilo americano antigo, podem ser comprados a preços bem atrativos. Cobertores e mantôs de alta qualidade também podem ser obtidos a preços dificilmente igualáveis. Êsses produtos são fornecidos às Sociedades de Socorro para a venda nos ramos.

Quando qualquer pessoa compra um artigo das Indústrias Deseret, não está apenas beneficiando-se, mas ajudando a manter êsse magnífico programa.

Como disse o gerente de uma dessas lojas: "Por causa dêste programa, não há necessidade de qualquer um de nós andar mal trajado ou ficar sem alguma coisa de que realmente precise. Qualquer família que tem de medir seu dinheiro, e isso acontece com muitas das nossas famílias, faria bem em familiarizar-se com as lojas das Indústrias Deseret."

Mas, o que dá vida ao programa são as contribuições feitas pelos membros da Igreja. Suficiente quantidade de artigos tem entrado nas fábricas para manter os trabalhadores ocupados e muitos dêsses artigos devem ser vendidos para manter a fôlha de pagamento de ordenados e despesas gerais.

Nessas áreas os membros da Igreja são regularmente solicitados a contribuir. Em outras são feitos anúncios com motivação especial através das Alas. Outras, ainda, mantêm caixas de coleta, onde podem ser depositadas contribuições. Muitas pessoas, mesmo fora das áreas coletoras, com o propósito de ajudar a manter o programa, levam pessoalmente suas contribuições expontâneas para as lojas ou fábricas, onde são satisfatòriamente aceitas. Em qualquer local em que o programa esteja operando, se a pessoa estiver impossibilitada de levar sua contribuição, uma chamada telefônica apenas, levará um caminhão à sua porta.

Quando alguém adquire mobília e utensílios novos, dá os usados para as Indústrias Deseret. A roupa que não serve mais para as crianças que crescem, quando refazem seu guarda roupa ou substituem seus aparelhos manuais por outros elétricos, lembram-se das Indústrias Deseret.

Neste ano, em que as Indústrias Deseret comemoram vinte e cinco anos, deixam atrás de si grandes benefícios em favor dos membros da Igreja necessitados. Em alguns sentidos elas têm contribuído para ser, talvez, a parcela mais bem sucedida do programa de bem estar da Igreja, pois se constituem de elementos que trabalham para produzir o próprio dinheiro que recebem. Ao mesmo tempo êsses elementos por serem produtivos e úteis, estão colhendo uma farta messe de alegria e desenvolvimento pessoal.

Êles estão compreendendo, o que o Presidente McKay disse: "O privilégio de poder trabalhar é uma dádiva e a energia uma bênção; o amor ao trabalho é triunfo."

AS SERPENTES DE FOGO

Êlder Sterling W. Sill
Assistente do Conselho dos Doze

A Bíblia Sagrada está repleta de numerosos e interessantes relatos das grandes experiências entre Deus e os homens na antiguidade. Dêsses relatos, podemos aprender uma porção de coisas grandiosas e colhêr muitos exemplos edificantes para orientar nossas vidas.

Repetidas vêzes tenho sentido tristeza por aquêles que viveram antes de a imprensa possibilitar-nos a participação das interessantes experiências dos que viveram em outras terras e outros tempos.

O Velho Testamento concentra-se ao redor das tentativas que fêz Deus para moldar uma grande nação, formada por um grupo de homens que, durante centenas de anos, viveram como escravos dos egípcios. Para incluir obediência e auto-contrôle Deus deu aos israelitas trabalho a realizar e obstáculos a vencer. E ensinou-lhes, ainda, princípios eternos de êxito e tentou esclarecer suas mentes sôbre a importante diferença existente entre o bem e o mal.

Numa ocasião em que os israelitas estavam trilhando o penoso caminho para sua terra prometida, foram tomados de desânimo e rebeldia. Estavam atravessando uma região árida com pouquíssima água para suplementar sua monótona dieta de maná. No seu desânimo fizeram o que os homens freqüentemente fazem, quando em dificuldade. Começaram a murmurar contra seus líderes e a criticar Deus cruelmente.

Mas, uma das leis universais, sob a qual repousa todo o seu progresso, implica em correção e punição do êrro. Cêdo ou tarde, todos teremos que aprender que algum dia os livros deverão ser conferidos.

O Velho Testamento, por si mesmo, é uma longa série de prêmios para o bem e punição à transgressão. Como parte do ensinamento que o Senhor estava dando ao Seu povo escolhido, devia ser entendido que a desobediência jamais ficaria impune, pois, de outra forma, o espírito de irresponsabilidade e ilegalidade predominaria completamente.

As vidas de crianças ou adultos podem fàcilmente ser arruinadas quando elogiadas as reações de cólera e recompensadas as perversidades. Além disso, produz um efeito deprimente obter riqueza sem esfôrço, oportunidades sem responsabilidades, ou transgressão sem condenação.

Antes de iniciar a Sua jornada o Senhor fêz um convênio com os israelitas, pelo qual faria dêles um povo favorecido, caso obedecessem aos Seus mandamentos. Conhecemos os dissabores que sobrevêm às nações e às pessoas, quando não são mantidos os convênios e promessas. Um juiz de São Francisco disse recentemente que poucas pessoas que aparecem diante dêle honram seus juramentos.

Tanto os homens como as mulheres, mesmo após terem prestado juramento de fidelidade em importantes cargos governamentais, têm revelado segredos valiosos aos que pretendem destruir a própria nação, que juraram proteger. Outros usam seu trabalho para atender sua egoísta ambição. Na presença de decadência moral, a venalidade e corrupção sempre florescem.

Todavia, os convênios mais importantes têm sido quebrados em nossos tratos com Deus. E quando é permitido que quaisquer erros continuem despercebidos e sem castigo, seguem-se violações sérias e mesmo a vida eterna poderá, eventualmente, ser perdida, como uma das conseqüências.

Por isso, acompanhando a rebelião e a desobediência dos filhos de Israel, o Senhor impôs-lhes castigo, enviando serpentes de fogo sôbre o povo. Muitas pessoas foram mordidas e mais de três mil morreram. Outros milhares suportaram aflição e sofrimento, por causa da picada e da natural repulsa pelas serpentes.

A serpetne tem sido o símbolo do mal e, particularmente, da desobediência. Estas serpentes especiais, provàvelmente, eram chamadas "de fogo" por causa da dor queimante que era intensamente sentida, após sua picada e que, muitas vêzes, era severa o bastante para ser fatal. As cobras são, em geral, consideradas repulsivas.

Diz a escritura que a serpente foi amaldiçoada "mais que tôda a besta". A mera presença de uma serpente produz um sentimento de aversão e pavor nas pessoas. Que difícil provação deve ter sido para os israelitas terem sido forçados a viver com essas odiosas serpentes ao seu redor. O calor, fome e fadiga do deserto eram suficientemente pesado, mas essas dificuldades devem ter sido menores em comparação com o mal estar, tensão, pavor e mêdo do ataque causado por repugnantes e mortíferas serpentes, rastejando por tôda parte e atacando de emboscada.

De qualquer modo, isso sòmente cessou quando os israelitas tiveram sua saturação de serpentes de fogo. Então ficaram extremamente entristecidos pelos pecados que trouxeram as serpentes sôbre êles. Entretanto, decidiram tentar corrigir seus erros, para afastar as serpentes.

Nesse sentido o povo foi a Moisés e disse: "Havemos pecado, porquanto temos falado contra o Senhor e contra ti. Ora ao Senhor que tire de nós estas serpentes." Moisés fêz segundo o povo lhe pedia, mas, o Senhor não estava ainda pronto a revogar o castigo que lhes havia imposto.

Nem sempre é tão fácil anular os efeitos do mal como pô-lo em ação. Tôdas as doenças são mais fàcilmente contraídas do que curadas. Depois que um criminoso é apanhado, fica sempre muito sentido pelo êrro cometido, mas nem sempre acha fácil sobrepujar as conseqüências.

Finalmente o Senhor decidiu-se a remover as serpentes. Provàvelmente Êle sentiu ser necessário que os israelitas se lembrassem de que o castigo estava sempre "à mão". Também isso ajuda a manter-nos livres de aborrecimentos, se sabemos que uma dúzia de repugnantes serpentes de fogo estão sempre a postos e olhando em nossa direção.

Entretanto, o Senhor ofereceu aos israelitas uma solução de compromisso para seu problema. Instruiu Moisés a moldar uma serpente de metal e levantá-la sôbre uma haste, onde todo o povo a pudesse ver. E então o Senhor disse: "e será que viverá todo o mordido que olhar para elas?"

Obedientemente Moisés fêz uma serpente de metal e colocou-a sôbre uma haste. Sua superfície polida brilhou como fogo, e todo aquêle que fôsse mordido podia salvar sua vida apenas olhando a serpente de metal. (Núm. 21:4-8)

Naturalmente, o povo, mesmo assim, não ficou libertado da dor abrazadora e incomodidade das picadas, nem pôde fugir ao mêdo e temível repugnância que sentia na presença dos seus máus, indesejáveis e aborrentes hóspedes.

A serpente de bronze feita por Moisés sob as ordens de Deus continuava em Israel ainda no tempo de Hezequias, quando chegou a ser até objeto de adoração, em virtude de seu poder de livrar as pessoas da morte. (Leia II Reis 18:4)

Jesus mesmo deu à imagem da serpente de bronze sua maior significação, quando uns 1500 anos após essa experiência no deserto usou a serpente de bronze como símbolo do Seu próprio poder e disse: "E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquêle que nÊle crê não pereça, mas tenha vida eterna." (João 3:14-15)

Provàvelmente será muito difícil achar uma imagem mais construtiva para nossos interêsses. Como os israelitas, estamos cercados por todos os lados pelo pecado e atormentações. Contìnuamente estamos sendo mordidos por males que trazemos sôbre nós mesmos. E quer compreendamos ou não, estamos ainda sujeitos à lei que requer de nós o pagamento da penalidade por qualquer êrro cometido.

Como ninguém pode praticar um ato bom sem que mais cêdo ou mais tarde receba o prêmio, assim ninguém pode praticar um ato mau sem algum dia receber uma penalidade. As conseqüências do mal nem sempre podem ser tão imediatas e rápidas como a mordida de uma serpente e ainda que mais tarde ou mais cêdo seja feito um ajuste satisfatório, e isso é como se algumas serpentes de fogo estivessem esperando emboscadas atrás da transgressão para enterrar profundamente sua ardente e venenosa prêsa em nossa carne sensível.

O efeito do pecado sôbre o espírito é algo muito semelhante à mordida de uma serpente venenosa em nosso corpo. Certamente o pecado nos traz muito mais infelicidade do que uma picadá de cobra, e sua conseqüência de morte espiritual é profundamente mais séria. O destrutivo efeito do pecado já era conhecido mesmo antes de esta terra ser criada. Lúcifer foi banido do céu por causa do seu próprio pecado.

Deus não pode olhar o pecado com o mínimo de tolerância. Sua aversão por êle é indubitàvelmente muito maior do que poderá ser nossa repugnância às horrendas serpentes venenosas, rastejando sôbre nós. Deus conhece a infelicidade e destruição que sempre resulta do pecado e deseja proteger-nos disso, da mesma maneira como nós queremos proteger nossos filhos de uma porção de cascavéis que queiram fazer ninho na sala de nossa casa.

Todavia, remover o pecado do mundo e tornar impossível a transgressão tornaria também impossível para nós ver o bem e o mal, lado a lado, e dessa forma destruiria o livre arbítrio que Deus tanto deseja que mantenhamos. Deus está muito ansioso para que conquistemos em nossas vidas coisas de que Êle possa se orgulhar, pois devemos ascender à glória por nossas próprias escolhas.

A oportunidade de desenvolvimento não nos deve ser negada e Deus certamente providenciará socorro quando formos picados por essa coisa mortal chamada pecado. Jesus tomou nossos males sôbre si. Êle padeceu cruelmente pelas nossas transgressões, mas assim como Moisés ergueu a serpente no deserto para salvar as vidas dos israelitas, assim também nosso Redentor foi levantado à cruz, para salvar-nos do sofrimento e da morte. E se levantarmos os olhos para Êle com fé e nos arrependermos de nossos pecados e seguirmos a instrução divina, podemos libertar-nos do deleitério efeito das serpentes de fogo de nossas próprias transgressões.

É interessante que mesmo depois de Moisés ter erguido a serpente de metal no deserto, com a segura promessa de alívio de Deus, houve alguns israelitas que preferiram morrer a olhar para a mesma. Suponho que êles devem ter sentido um pouco de embarasso para correr o risco de que alguém pudesse pensar que eram tolos em crer que, olhando para a figura de metal, poderiam curar-se de mordida de cobra. Por isso, depois de providenciada a solução para os seus problemas, muitos ainda perderam suas vidas, não porque a morte fôsse inevitável, mas porque não quizeram crer e obedecer os mandamentos de Deus.

Temos muitos problemas iguais em nossos dias. Cristo nos tem oferecido paz, felicidade e prosperidade se quizermos tão sòmente viver segundo os princípios do evangelho. Fazendo d'Êle o centro de nossos pensamentos e seguindo Suas instruções, podemos salvar-nos da morte e viver com Deus para sempre em felicidade e glória, que durarão tôda a eternidade.

Por outro lado, se seguimos nossos próprios desvios, podemos perecer pelas mordidas de serpentes dos nossos pecados. Muitas pessoas têm recusado seguir a orientação divina e, mesmo agora, como resultado de nossa atual rebelião e desobediência, o mundo está oscilando na beira do desastre. Muitos de nós vamos pessoalmente à destruição por não querermos enxergar.

Quão tolo é recusar crer em Deus. Quão leviano é desobedecer os fáceis e simples mandamentos que são re-

Nenhum membro pode esperar ser um ótimo representante da Igreja, se não conhecer, pelo menos, o que o distingue dos outros cristãos. Leia o livro

QUEM SÃO OS MÓRMONS?

Cr $ 630,00

queridos para nossa salvação eterna e felicidade. Quando o profeta Eliseu deu a Naamã a oportunidade de curar-se de sua lepra, lavando-se sete vêzes no Rio Jordão, Naamã ficou irado e disse: "Não são porventura, Abana e Farpar, rios de Damasco, melhores do que tôdas as águas de Israel?" (II Reis 5:10-12) E, sòmente depois que se arrependeu e fêz segundo lhe foi ordenado, é que ficou limpo de sua lepra.

Nossos atos indicam que colocamos muito de nossa confiança em outras coisas e não em Deus. Certa ocasião, quando Alexandre, o Grande, estava doente, recebeu uma carta anônima prevenindo-o de que seu médico pretendia envenená-lo, enquanto lhe ministrasse os remédios. O médico veio visitá-lo como a carta havia prevenido e preparou alguns remédios e deu-os a Alexandre. O Imperador, olhando-o dentro dos olhos, ingeriu o conteúdo do copo e, depois mostrou-lhe a carta. Alexandre confiou em seu amigo, porque o conhecia. Êle tinha certeza de sua competência como médico, sua integridade como homem e como amigo. A semente da dúvida plantada na carta, pretendendo incitar Alexandre à desconfiança, não encontrou guarida.

Certamente, devemos ter bastante confiança em Deus para tomar seus remédios. Emerson certa vez disse: "Tudo que vejo me faz confiar em Deus pelo que não vejo." Devemos lembrar que o Pai ainda está tentando fazer com que guardemos nossos convênios e sejamos o sacerdócio real e nação santa. Mas, nosso progresso é muito lento. Rebeldia, desobediência e as serpentes ardentes do pecado estão ainda cobrando peagem entre nós. A conseqüente perda de bênçãos não é porque essa perda seja inevitável, mas porque não nos aproveitamos dos meios de que dispomos, para conseguir libertação.

Fé em Deus é o princípio básico do evangelho. Obediência à Sua Lei é a divina ordem do universo. São-nos oferecidas tôdas as bênçãos, bastando apenas levantar nossos olhos para Êle, que é o nosso Salvador e Redentor. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquêle que n'Êle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16) E possa Deus abençoar-nos para êsse fim, rogo em nome de Jesus. Amém.

FORTIFIQUE O LAR CONTRA A OBSCENIDADE

Mensagem dos mestres visitantes para o mês de abril

Há uma ansiedade crescente no mundo com respeito à possibilidade de um conflito mundial. Entretanto, o que a maioria das pessoas, realmente, falha em compreender é que já estão empenhadas em uma grande batalha, não um conflito no qual serão destruídas propriedades ou mesmo vidas, mas um combate que envolve algo muito mais valioso, isto é, a perda de almas humanas.

Desde o dia em que Satanás foi expulso do céu, êle tem estado em constante guerra com os santos de Deus. O Profeta Joseph Smith e Sidney Rigdon viram a expulsão de Satanás do céu em uma visão. E o Senhor ordenou-lhes que escrevessem o que haviam visto e a citação a seguir é parte do que foi registrado.

"Portanto, êle faz guerra contra os santos de Deus, e os circunda de todos os lados.

"E vimos a visão dos sofrimentos daqueles contra quem fêz guerra e a quem sobrepujou..." (Doutrinas e Convênios 76:29-30)

Um dos métodos mais astutos que tem sido utilizado por Satanás é atacar a mente do homem. Êle sabe que antes de agirmos mal, pensamos, e, assim, tenta influenciar-nos fazendo uso de vários ardis.

Um dos meios mais comuns que utiliza é tentar-nos a consultar ou folhear literatura obscena, revistas ou livros, procurando ainda nos influenciar através de figuras ou filmes e varias outras novidades que são publicadas e distribuídas por homens enganadores.

A ampla circulação dêste tipo de material vem se tornando crescente ameaça, a qual poderá pôr em perigo a cultura, o refinamento e até mesmo o desenvolvimento espiritual.

E tão sério tornou-se o problema que o Govêrno tem procurado estabelecer meios de controle, através de seus representantes municipais, estaduais e federais, para impedir a impressão e distribuição de arte ou literatura pornográfica.

Mas Satanás tem procurado influenciar convencendo os líderes a afrouxarem as concessões e fazendo com que as côrtes modifiquem e liberem as definições de obscenidade. Assim, em muitos casos, verifica-se que a lei regula, porém não proibe a sua produção.

A despeito dos estatutos, fiscalização e leis, êste material continua encontrando ampla circulação. Como conseqüência, torna-se responsabilidade exclusiva do lar o impedimento da invasão de tais influências destruidoras.

Para tanto, é preciso que os pais supervisionem os hábitos de leitura de seus filhos e, sobretudo, que os ensinem o perigo que representam para a formação de seu caráter.

Uma vez que a obscenidade toma a mente dos indivíduos, parece como uma fome que nunca poderá ser saciada. Apenas um esfôrço dedicado e intenso poderá auxiliar alguém a libertar-se de tal escravidão.

Quando o Senhor mandou que os santos se purificassem para que pudessem se reunir em Sião, disse:

"Saí da Babilônia. Sêde puros, vós que comportais os vasos do Senhor." (Doutrina e Convênios 133:5)

Sair da Babilônia representa sair do mundo para deixar de lado tôdas as práticas pecaminosas ou refrear a iniqüidade.

Se pretendemos eliminar os vícios provocados pela influência da obscenidade, é preciso que façamos todo o esfôrço que somos capazes para impedir que se tornem parte de nossas vidas. Além disso, torna-se imperioso que as crianças e jovens sejam ensinados desde cêdo a sobrepujá-los e, muito mais importante, que utilizemos todos os meios a nosso alcance para impedir que, inocentemente, os nossos filhos entrem em contacto com quaisquer fatôres que lhes venham roubar a pureza de sentimentos e deturpar a cristalinidade de sua candura.

JESUS, O CRISTO

James E. Talmage

O MENINO DE BELÉM — CAPÍTULO VIII
O NASCIMENTO DE JESUS

As profecias que declaram que o Messias nasceria na linhagem de Davi são tão precisas quanto as predições que fixaram o lugar de Seu nascimento em Belém, pequena cidade da Judéia. Quanto a isso, parece não ter havido diferença de opinião entre os sacerdotes, escribas ou rabinos, tanto antes como depois do grande evento. Belém, embora pequena e de pouca importância no tráfico e comércio, era, sem dúvida, estimada pelos judeus como lugar de nascimento de Davi e, provavelmente, do Messias. Maria e José viviam em Nazaré da Galiléia, bem distante de Belém da Judéia. No tempo a que nos referimos, a maternidade da Virgem aproximava-se com rapidez.

Naquela ocasião, saiu um decreto de Roma, ordenando uma taxação do povo em todos os reinos e províncias tributárias ao imperio. A chamada era de âmbito geral e tinha como objetivo que "todo o mundo se alistasse"[a]. Essa cobrança pode ser adequadamente entendida como um alistamento,[b] ou registro, que garantiria um recenseamento dos súditos romanos, o qual serviria de base para que fôsse determinada a taxação dos diversos povos.

De acôrdo com os registros de historiadores, êste foi o segundo dos três alistamentos gerais, efetuados num intervalo de quase vinte anos. Se o recenseamento tivesse sido feito segundo o método romano, cada pessoa teria sido alistada na cidade de sua residência; porém, o costume judeu, pelo qual a lei romana tinha respeito, exigia que o registro fôsse feito nas cidades consideradas pelas respectivas famílias como berço de seus ancestrais. Não precisamos nos preocupar, especificamente, em saber se era requisito obrigatório que cada família se registrasse na cidade de seus ancestrais; mas o fato é que José e Maria foram a Belém, cidade de Davi, para se inscrever segundo o decreto imperial.[c]

Então, a cidade estava abarrotada pela multidão que tinha ido obedecer à convocação. Em conseqüência, José e Maria não conseguiram encontrar melhores acomodações e tiveram que se contentar, como inúmeros outros anterior e posteriormente, naquela região e em outras, com as condições de um alojamento improvisado. Não podemos, razoàvelmente, considerar esta circunstância como evidência de extrema miséria; sem dúvida, impunha inconveniência, mas não nos dá segurança de que tenha havido grande tristeza ou sofrimento.[d] Assim, Maria, a Virgem, deu à luz o seu primogênito, o Filho do Altíssimo, o Unigênito do Pai Eterno, Jesus, o Cristo.

Entretanto, são-nos fornecidos poucos detalhes das circunstâncias. Não sabemos quanto tempo depois da chegada de Maria e seu espôso em Belém ocorreu o nascimento. O evangelista que fêz o registro pode ter tido intensão de tocar em assuntos de interêsse puramente humano, sem entrar em detalhes na narração do fato, a fim de que a verdade central não fôsse escondida nem ofuscada por incidentes sem importância. Lemos na Santa Escritura apenas isto: "Estando êles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa mangedoura, porque não havia lugar para êles na hospedaria."[e]

Em vívido contraste com a singeleza e brevidade do acontecimento narrado na escritura e com a falta de pormenorização incidental encontra-se a grande quantidade de detalhes fornecidos pela imaginação dos homens, dos quais boa parte não são inteiramente confirmados por registros autorizados. Em muitos aspectos, mostram-se simplesmente inconsistentes e não verdadeiros. Neste assunto tão importante, é prudente e sábio selecionar e manter distintamente separadas dos comentários sem fundamento de historiadores, teólogos e escritores de ficção, assim como de poetas e artistas extravagantes as afirmações autênticas dos fatos.

Desde o seu início, Belém foi berço de povo mais relacionado com atividades pastoris e agrícolas. Não é estranho, pelo que se sabe a respeito da cidade e seu ambiente, que, na ocasião do nascimento do Messias, ocorrido na primavera, os rebanhos estivessem no campo tanto à noite como durante o dia sob o olhar vigilante de seus humildes pastores. Alguns dêstes receberam a primeira proclamação do nascimento do Salvador. São estas as palavras do singelo registro:

"Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor veio sôbre êles e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo; pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura. E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens."[f]

Nunca antes haviam sido dadas por anjos ou recebidas por homens novas de tal importância — boas novas de grande alegria, transmitidas a apenas poucos e alguns dos mais humildes da terra, para serem propagadas a todos os povos. Há sublime magnitude na cena, da mesma maneira que há qualidade divina na autoria da mensagem.

a. Lucas 2:1; veja também os versos 2-4. Nota 1 no fim do capítulo. b. Nota de pé, das bíblias de Oxford e Bagster.

c. Nota 1, no fim do capítulo.

d. Nota 2, no fim do capítulo.

e. Lucas 2:6,7. f. Lucas 2:8-14.

E o auge é tal que a mente humana nunca poderia conceber — a repentina aparição de uma multidão de exércitos celestiais, cantando de forma audível ao ouvido humano, a breve, porém mais consistente e verdadeira de tôdas as canções de paz já cantadas por um côro mortal ou espiritual. Qual a consumação desejada — Paz na terra! Mas como pode ser conseguida senão através de boa vontade para com os homens?

E de que maneira poderia ser efetivamente rendido glória ao Deus dos céus?

Os fiéis e sinceros pastores não pediram sinais ou confirmação; sua fé estava em uníssono com a comunicação celestial. Não obstante, o anjo deu-lhes o que chamou de sinal, para guiá-los em sua busca. E não esperaram, mas sairam com presteza, pois em seu coração acreditavam, sim, mais do que acreditavam, sabiam, e êste foi o teor de sua resolução: "E aconteceu que, ausentando-se dêles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fêz saber."[g] Encontraram o Menino na mangedoura, estando perto a mãe e José; e, havendo visto, saíram e testificaram d'Êle aos justos. Voltaram a seus rebanhos, glorificando e louvando a Deus por tudo que haviam visto e ouvido.

Há um significado tão profundo como o que todos devem sentir na observação parentética semelhante de Lucas. "Mas Maria guardava tôdas estas coisas, conferindo-as em seu coração."[h] Parece que a grande verdade quanto à personalidade e missão de seu filho Divino não tinha se esclarecido bem em sua mente. Todo o curso dos acontecimentos, desde a saudação de Gabriel até ao reverente testemunho dos pastores a respeito da anunciação do anjo e dos exércitos celestiais, foi um grande mistério para aquela mãe e espôsa pura.

O Menino nasceu judeu; a mãe era judia e o pai legal, José, também era judeu. Sua verdadeira paternidade era conhecida por poucos, talvez, naquela época, por ninguém senão Maria, José e, possìvelmente, Isabel e Zacarias. Assim que ia crescendo era chamado pelo povo de filho de José.[i] Os requisitos da lei foram cumpridos com exatidão em todos os assuntos referentes ao Menino. Quando tinha oito dias foi circuncidado, como era exigido para todos os meninos que nascessem em Israel;[j] e, na mesma ocasião, recebeu o nome que havia sido prescrito na anunciação. Foi chamado JESUS, que, interpretado, quer dizer Salvador. Por direito êsse nome era Seu, pois veio para salvar o povo de seus pecados.[l]

REQUISITOS DA LEI OBSERVADOS ESTRITAMENTE

Parte da lei dada através de Moisés aos israelitas no deserto e reiterada durante os séculos subseqüentes versava sôbre o procedimento das mulheres após o nascimento de seus filhos.[m] Em obediência à lei, Maria permaneceu em retiro quarenta dias após o nascimento de seu filho. Então, ela e seu marido levaram o Menino para ser apresentado ao Senhor, como era prescrito para o primogênito de tôdas as famílias. É manifestamente impossível que tôdas essas apresentações tivessem lugar no templo, pois muitos judeus moravam há grandes distâncias de Jerusalém. Era lei, entretanto, que os pais apresentassem seus filhos no templo, quando possível.

Jesus nasceu há 8.500 ou 9.500 quilômetros de Jerusalém e foi levado ao templo para a cerimônia de redenção, parte dos requisitos aplicados aos primogênitos de todos os israelitas, exceto os levitas. Deve ser lembrado que os filhos de Israel tinham sido libertados da escravidão no Egito com o acompanhamento de sinais e prodígios. Em virtude de o faraó repetidamente recusar a

g. Lucas 2:15.
h. Lucas 2:19.
i. Lucas 4:22; Mat. 13:55; Marcos 6:3.
j. Gen. 17:12; Lev. 12:3; compare com João 7:22. Veja as notas do capítulo 7.
l. Lucas 2:21; compare com 1:31; Mat. 1:21,25.
m. Lev. cap. 12.

permissão da saída do povo, sobrevieram várias pragas aos egípcios, uma das quais foi a morte de todos os primogênitos da terra, excetuando-se o povo de Israel.

Em consideração a esta manifestação de poder, foi requerido que os israelitas dedicassem seus primogênitos ao serviço do santuário.[n] Em seguida, o Senhor ordenou que todos os meninos pertencentes à tribo de Levi fôssem devotados a êste serviço especial, em vez do primogênito de tôdas as tribos. Não obstante, o filho mais velho ainda era considerado particularmente do Senhor e deveria ser formalmente isento do requisito anterior de serviço, pagando um resgate.[o]

Junto com a cerimônia de purificação, tôdas as mães deviam fornecer um novilho para a oferta de queima e uma pombinha para oferta de pecado; mas no caso de qualquer mulher não ter possibilidade de providenciar um novilho, devia oferecer um par de pombinhas. Concluímos que as condições de José e Maria eram humildes pelo fato de haverem levado a oferta mais barata, duas pombinhas, em vez de uma ave e uma ovelha.

Entre os israelitas devotos e dignos havia alguns que, a despeito do tradicionalismo, rabinismo e corrupção sacerdotal, ainda viviam com íntegra expectativa, resultante da confiança inspirada que possuiam, esperando pacientemente a consolação de Israel.[p] Um dêles era Simeão, que vivia em Jerusalém. Através do poder do Espírito Santo recebeu a promessa de que não veria a morte até que visse o Cristo do Senhor na carne. Preparado pelo Espírito, dirigiu-se ao templo no dia da apresentação de Jesus e reconheceu no Menino o Messias prometido. No momento em que entendeu que a esperança de sua vida tinha chegado à gloriosa consumação, Simeão levantou o Menino reverentemente em seus braços e, com uma eloqüência simples, mas perene, que vem de Deus, proferiu esta esplêndida súplica, na qual se pode notar a gratidão, resignação e culto:

"Agora, Senhor, despede em paz o Teu servo, segundo a Tua palavra; pois já os meus olhos viram a Tua salvação, a qual Tu preparaste perante a face de todos os povos; luz para lumiar as nações e para glória de Teu povo Israel."[q]

Então, com o espírito de profecia, Simeão falou da grandiosidade da missão do Menino e da angústia que a mãe haveria de ter por Sua causa, a qual seria como se uma espada lhe fôsse espetada na alma. O testemunho do Espírito quanto à divindade de Jesus não deveria ser confiado a um homem. Havia naquela época, uma mulher devota, já de idade, Ana, profetiza que se dedicava exclusivamente ao serviço do templo. Ela, sendo inspirada por Deus, reconheceu Seu Redentor e testificou d'Êle a todos que a cercavam. Tanto José como Maria se maravilharam com o que se falou do Menino; parecendo que ainda não eram capazes de entender a Sua majestade, que lhes havia sido manifestada através de tão miraculosa concepção e tão maravilhoso nascimento.

Não sabemos quanto tempo depois da apresentação de Jesus no templo, possivelmente apenas alguns dias, semanas ou meses, Herodes, rei da Judéia, assim como o povo de Jerusalém em geral, estava muito preocupado com a notícia de que um Menino de Profecia — destinado a ser Rei dos Judeus — havia nascido.

Herodes era professamente adepto da religião de Judá, embora indumeu de nascimento, descendente de edomitas e de Essaú, os quais eram odiados pelos judeus. E, de todos os edomitas, nenhum era mais detestado que Herodes, o rei. Êle era tirânico e sem piedade, não poupando nem adversário nem amigo que fôsse suspeito de ser possível estôrvo a seus ambiciosos desígnios. Havia cruelmente assassinado sua espôsa, vários de seus filhos e outros de seu parentesco sanguíneo. Matou quase todos os membros do grande conselho nacional, o Sinedrin. Seu reino era de crueldade revoltante e opressão desenfreada. Só suspendia seus empreendimentos quando havia perigo de ser iniciada uma revolta nacional ou para não desagradar seu mestre imperial, o imperador de Roma.[r]

SÁBIOS BUSCAM O REI

Assim, rumores do nascimento de Jesus chegaram aos ouvidos de Herodes. Vieram a Jerusalém certos homens de lugares distantes, os quais eram chamados sábios, e perguntaram: "Onde está Aquêle que é nascido rei dos judeus? porque vimos a Sua estrêla no oriente, e viemos a adorá-lO."[s] Herodes convocou todos os sacerdotes e escribas do povo e perguntou-lhes onde, de acôrdo com os profetas, haveria de nascer o Cristo. Responderam-lhe: "Em Belém da Judéia, porque assim está escrito pelo profeta; E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o Meu povo de Israel."[t]

Herodes chamou secretamente os magos e inqueriu dêles qual era a fonte de sua informação e, em particular, acêrca do tempo em que a estrêla, à qual davam tanto significado, havia aparecido. Então, mandou-os a Belém, dizendo: "Ide e perguntai diligentemente pelo menino e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore." Assim que os homens saíram de Jerusalém, na última etapa de sua jornada de inquisição e procura, regozijaram sobremaneira, pois, a nova estrêla que haviam visto no oriente, estava novamente visível. Encontraram a casa onde Maria estava morando com seu marido e o Menino e, quando reconheceram o Menino real, "prostando-se, O adoraram; e, abrindo os seus tesouros, Lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra."[u]

Tendo, pois, realizado gloriosamente o propósito de sua peregrinação, êsses devotos e entendidos viajantes prepararam-se para voltar e teriam parado em Jerusalém, para relatar ao rei como êle havia ordenado, entretanto, "sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho."[v]

Muito tem sido escrito, sem possível fundamento nas escrituras, a respeito da visita dos magos, ou sábios, que procuraram e encontraram o Menino Cristo. Mas, não temos qualquer informação quanto à sua origem tribal ou nacional. Não sabemos nem mesmo quantos eram, embora a tradição não autorizada os tenha designado "os três magos" e até lhes dado nome, ainda que não sejam nomeados

n. Exo. 12:29; 13:2; 12; 22:29, 30.
o. Num. 8:15-18; 18:15,16.
p. Lucas 2:25; veja também o verso 38; Marcos 15:43; compare com Salmos 40:1.
q. Lucas 2:29-32. Êsses versos são conhecidos nos hinários cristãos como Nunc Dimitis; o nome tem referência às primeiras duas palavras da versão latina.
r. Nota 3, no fim do capítulo.
s. Mat. 2:2; leia 1-10.
t. Mat. 2:5,6; compare com Micah 5:2; João 7:42.
u. Nota 4, no fim do capítulo.
v. Nota 5, no fim do capítulo.

*"E o menino crescia e ...a graça de Deus estava sôbre êle."**

nas escrituras, o único registro verdadeiro dêles existente. Podem ter sido dois ou mais. Várias tentativas têm sido feitas para identificar a estrêla, cuja aparição no céu oriental assegurou aos magos que o Rei havia nascido; mas a astronomia não fornece satisfatória confirmação.

O registro da aparição da estrêla tem sido associado, tanto por intérpretes antigos como modernos, com a profecia de Balaão, que, embora não israelita, abençoou Israel e sob inspiração divina predisse: "uma estrêla procederá de Jacó e um cetro subirá de Israel."[x] Ademais, como já foi mostrado, a aparição de uma nova estrêla era o sinal predito, reconhecido e aceito entre o povo do mundo oriental como testemunha do nascimento do Messias.[z]

MIGRAÇÃO PARA O EGITO

A perfídia de Herodes, pedindo que os magos voltassem e relatassem onde poderia ser encontrado o Menino real, falsamente professando que também desejava cultuá-lo, enquanto em seu coração tinha como propósito tirar a vida do Menino, foi frustrada pela admoestação divina feita aos magos, como já citado. Após seu afastamento, o anjo do Senhor apareceu a José, dizendo: "Levanta-te e toma o menino e sua mãe e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para matar."[a] Em obediência a êste mandamento, José tomou Maria e seu Filho e saíram à noite para uma jornada até o Egito. A família permaneceu até ser divinamente orientada a voltar.

Quando o rei desconfiou que os magos haviam ignorado suas instruções, ficou excessivamente enraivecido; e, estimando o tempo em que teria ocorrido o nascimento, de acôrdo com a afirmação dos magos quanto à aparição da estrêla, ordenou irrevogàvelmente a matança de "todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos."[b] Neste massacre de inocentes, o evangelista viu o cumprimento da profecia de Jeremias da palavra do Senhor há seis séculos atrás e expressa enfàticamente no pretérito perfeito como se já houvesse acontecido: "Em Rama se ouviu uma voz, lamentação, chôro e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos e não querendo ser consolada, porque já não existem."[c]

NASCIMENTO ANUNCIADO AOS NEFITAS

Como mostrado daqui por diante, os profetas do hemisfério ocidental predisseram em grande plenitude o advento terreno do Senhor e indicaram especificamente o lugar, tempo e circunstâncias de Seu nascimento.[d] Com a Sua aproximação, o povo dividiu-se em virtude de opiniões conflitivas quanto à validade dessas profecias; e incrédulos intolerantes perseguiram aquêles que, como Zacarias, Simeão, Ana e outros indivíduos honestos da Palestina, guardavam a fé e confiavam em sua esperança inabalável da vinda do Senhor.

Samuel, lamanita honesto, que por causa de sua fidelidade e devoção sacrificada havia sido abençoado com o espírito e poder de profecia, destemerosamente proclamou a proximidade do nascimento de Cristo: "E disse ao povo: Eis que vos dou um sinal; pois mais cinco anos se hão de passar, e eis que o Filho de Deus virá, para remir a todos os que crerem em Seu nome."[e] O profeta falou de muitos sinais e maravilhas que marcariam o grande evento. Depois de passados os cinco anos, os crentes tornaram-se mais inflexíveis, os descrentes mais violentos, até o dia do período de escuridão especificado; e êste era o dia: "E aconteceu que os incrédulos fixaram um dia no qual se aplicaria pena de morte a todos os que cressem naquelas tradições, a não ser que aparecessem os sinais que haviam sido anunciados por Samuel, o profeta."[f]

Nefi, que era profeta naquela ocasião, lamentou ao Senhor com a alma angustiada, por causa da perseguição de que seu povo era vítima: "... e eis que a voz do Senhor se fêz ouvir, dizendo: Levanta a cabeça e regozija-te; pois eis que a hora é chegada e esta noite o sinal será dado, sendo que amanhã Eu virei ao mundo para mostrar aos homens que se cumprem tôdas as coisas que foram anunciadas pela bôca de Meus santos profetas. Eis que venho aos Meus para cumprir tôdas as coisas que dei a conhecer aos filhos dos homens, desde a fundação do

x. Num. 24:17. z. Livro de Mórmon, Helamã 14:5; 3 Nefi 1:21. Leia também o final do capítulo 5, texto do quarto subtítulo e os primeiros parágrafos do capítulo 39, dêste livro.

a. Mat. 2:13. b. Mat. 2:16.

c. Mat. 2:17, 18; compare com Jer. 31:15.

d. Leia da segunda metade até o fim do capítulo 5.

e. Helamã 14:2; 1-9. f. 3 Nefi 1:9; leia também 4-21.

* *Pintura de Bartolome Esteban Murillo permissão para reprodução concedida à Igreja pelo Metropolitan Museum of Art.*

mundo; e para fazer a vontade, tanto do Pai como do Filho — do Pai por Minha causa e do Filho por causa da Minha carne. E eis que a hora é chegada, e esta noite será dado o sinal."[g]

As palavras do profeta foram cumpridas naquela noite; pois ainda que o sol tenha se pôsto comumente, não houve escuridão; e na manhã seguinte o sol nasceu na terra já iluminada; um dia, uma noite e um outro dia passaram como se fôsse apenas um dia; e êste foi apenas um dos sinais. Uma nova estrêla apareceu no firmamento ocidental, a mesma que havia sido vista pelos magos no oriente; e houve muitas outras maravilhosas manifestações que haviam sido preditas pelos profetas. Tôdas estas coisas ocorreram no que agora é chamado Continente Americano, seiscentos anos depois que Lehi e seu pequeno grupo havia deixado Jerusalém para vir para cá.

O TEMPO DO NASCIMENTO DE JESUS

Especialistas em teologia e história e todos os que são considerados "entendidos" em literatura não concordam quanto à data do nascimento do Messias. Numerosas linhas de investigação foram seguidas, apenas para chegar a conclusões divergentes, quer em relação ao ano como ao mês e dia em que realmente se deu o início da "Era Cristã". A consideração do nascimento de Cristo como um evento que marcou a época em que deveria ser iniciado o cálculo da data cronológica, foi efetuada pela primeira vez por volta de 532 A.D. por Dionísio. Êste método de cálculo de tempo veio a ser conhecido como sistema dionisíaco e toma como data fundamental o ano 753 A.U.C. (Ano Urbis Candite), isto é, 753 anos após a fundação de Roma, como o ano do nascimento de nosso Senhor.

Se há identidade de opinião entre modernos eruditos que têm investigado o assunto, ela reside no fato de considerarem errado o cálculo dionisíaco, pois coloca o nascimento de Cristo entre três ou quatro anos mais tarde; considerando, portanto, que nosso Senhor nasceu no terceiro ou quarto ano antes do início do que é designado pelos eruditos de Oxford e Cambridge, "Ano Domini".[h]

Sem pretender analisar a maioria dos dados do cálculo relativo a êste assunto, aceitamos a base dionisíaca como correta no que diz respeito ao ano, o que equivale dizer que cremos que Cristo nasceu no ano conhecido por nós como 1 A.C., e, como será mostrado, num dos primeiros meses daquele ano. Para apoiar esta crença, citamos o registro inspirado conhecido como "Revelação sôbre o Govêrno da Igreja", feita através de Joseph, o Profeta, em abril de 1830, que inicia com as seguintes palavras: "A origem da Igreja de Jesus Cristo nestes últimos dias, sendo mil e oitocentos e trinta anos depois da vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo na carne."[i]

Uma outra evidência da correção da cronologia comumente aceita por nós é fornecida pelo registro do Livro de Mórmon. Nêle lemos: "Aconteceu que no comêço do primeiro ano do reinado de Zedequias, rei de Judá", o Senhor falou a Lehi em Jerusalém, dizendo-lhe que tomasse sua família e partisse para o deserto.[j] Nas primeiras etapas de sua jornada em direção ao mar, Lehi profetizou, como lhe havia mostrado o Senhor, sôbre à iminente destruição de Jerusalém e o cativeiro dos judeus.

Mais adiante, predisse o eventual retorno do povo de Judá de seu exílio na Babilônia e o nascimento do Messias, definidamente declarando que ocorreria seiscentos anos depois do tempo que êle e seu povo houvesse saído de Jerusalém.[l] Esta especificação do tempo foi repetida numa profecia posterior;[m] e os sinais do real cumprimento estão registrados como ocorridos "seiscentos anos que Lehi havia saído de Jerusalém".[n] Estas escrituras fixam o tempo do início do reinado de Zedequias como seiscentos anos antes do nascimento de Cristo.

De acôrdo com o cálculo comumente aceito, Zedequias tornou-se rei no ano 597 A.C.[o]

Isto mostra uma discrepância de cêrca de três anos entre a data da inauguração do reinado de Zedequias comumente aceita e a data no Livro de Mórmon. Como já visto, há uma diferença de três ou quatro anos entre o cálculo dionisíaco e a maior aproximação dos eruditos a respeito do início da presente era. A cronologia do Livro de Mórmon, portanto, mantém em geral a correção do sistema comum ou dionisíaco.

Quanto à estação do ano em que Cristo nasceu, há entre os eruditos tão grande diversidade de opinião como a referente ao ano em si. Muitos estudiosos da Bíblia afirmam que o dia 25 de dezembro, celebrado pela cristandade como Natal, não pode ser a data correta. Acreditamos que o nascimento de Jesus Cristo deu-se no dia 6 de abril, como indicado por revelação, já citada,[p] da presente dispensação, em que aquêle dia ficou sem qualificação mil oitocentos e trinta anos depois da vinda do Senhor na carne. Esta aceitação é admitidamente baseada na fé na revelação moderna, e em nenhum sábio. É estabelecido como resultado de pesquisa e análise cronológica. Cremos que Jesus Cristo nasceu em Belém da Judéia, em 6 de abril do ano 1 A.C.

g. 3 Nefi 1:12-21.
h. Notas de pé das bíblias Oxford e Bagster, Mat. 2:1.
i. D&C 20:1; compare com 21:3. Nota 6, no fim do capítulo.
j. 1 Nefi 1:4; 2:2-4. l. 1 Nefi 10:4.
m. 1 Nefi 19:8; 2 Nefi 25:19.
n. 3 Nefi 1:1.
o. Standard Bible Dictionary, editado por Jacobus, Nourse e Zenos, publicado por Funk & Wagnalls Co., Nova Iorque e Londres, 1909, p. 915, verbete Zedequias (Zedekiah).
p. D&C 20:1; compare com 21:3.

NOTAS

1. *A "taxação"* — Relembrando a presença de José e Maria em Belém, distantes de sua casa na Galiléia, e o decreto imperial, em virtude de cujo cumprimento lá estavam, são dignas de consideração as notas a seguir. Farrar (Life of Christ, p. 24, nota), diz: "Não se tem certeza se a viagem de Maria e seu espôso foi obrigatória ou voluntária... As mulheres também eram obrigadas a pagar impôsto, se êste alistamento incluia taxação. Mas, a par de qualquer exigência legal, pode ser fàcilmente imaginado que, naquele momento, Maria não desejava estar só. A suspeita a que estava sujeita e que quase havia desfeito seus esponsais (Mat. 1:19) fá-la-ia procurar maior proteção de seu marido."

O excerto apresentado em seguida foi extraído de Geikie, The Life of Christ, vol. 1, cap. 9; p. 108: "A nação judaica pagava tributo a Roma, através de seus legisladores, desde os dias de Pompeu. O metódico Augusto, que agora reinava, e tinha que restabelecer a ordem e conceito das finanças do império, depois da confusão e exaustão da guerra civil, tomou precauções para que esta obrigação não fôsse esquecida nem sofismada. Êle costumava exigir que fôsse

feito periodicamente um recenseamento em tôdas as províncias de seus vastos domínios, para que soubesse o número de soldados que poderia recrutar em cada uma, e o montante da taxa devida ao tesouro...

"Num império que compreendia todo o mundo conhecido da ocasião, êsse recenseamento só poderia ser feito simultâneamente ou em qualquer espaço de tempo fixo e curto. Provàvelmente era trabalho de anos, em províncias ou reinos. Mais tarde ou mais cêdo, mesmo os domínios dos reis vassalos como Herodes teriam que fornecer a estatística exigida por seu superior. Recebera seu reino como súdito, e, com o passar dos anos, tornava-se cada vez mais dependente de Augusto, pedindo sua sanção tôdas as vêzes que tinha de tomar uma decisão. Assim, estava pronto para satisfazer seu desejo, obtendo as estatísticas que pedia, como pode ser concluido do fato que num dos últimos anos de sua vida, pouco antes do nascimento de Cristo, fêz com que a nação judáica prestasse um solene juramento de lealdade ao imperador assim como a si mesmo.

"É quase provável que o modo de fazer as estatísticas foi deixado ao arbítrio de Herodes, primeiramente para mostrar-lhe respeito diante de seu povo e da oposição judaica ao que se referisse à contagem geral, ainda que separada da taxação pretendida. No tempo a que se refere a narrativa, parece ter sido feito um breve registro, no velho plano hebreu de alistamento das famílias nos distritos de seus ancestrais, naturalmente para utilização futura; e, portanto, terminou ràpidamente. ...A proclamação por tôda a terra, exigia que êle se inscrevesse e José não tinha alternativa, senão ir para Belém, a cidade de Davi, berço de seus ancestrais, da linhagem e casa de Davi."

"Vamos pois até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fêz saber. E foram apressadamente e acharam Maria e José, e o menino deitado na mangedoura."

2. *Jesus nasce em ambiente pobre* — Indubitàvelmente, as acomodações confortáveis na região onde Jesus nasceu eram poucas e pobres. Mas o ambiente, considerado à luz dos costumes do país e da época, estava longe do estado de vil privação, como fazem parecer os meios modernos e ocidentais. "Acampar" não era exigência incomum entre os viajantes da Palestina no tempo do nascimento do Senhor; nem mesmo hoje. Não há dúvida, entretanto, que Jesus nasceu numa família comparativamente pobre, num ambiente humilde, associado com as inconveniências incidentais de viagem.

Cunningham Geikie, Life and Words of Christ, cap. 9, pp. 112, 113, diz: "José e Maria estavam indo a Belém, cidade de Ruth e Boaz, e antigo berço de seu grande avô Davi. Ao se aproximarem de Jerusalém, passariam, nos últimos quilômetros, num lugar sagrado para a memória dos judeus, onde perdeu a luz a vida de Jacó, quando seu primeiro amor, Raquel, morreu e foi enterrada, como ainda mostra seu túmulo, 'no caminho para Ephrath, que é em Belém'.

"...É bem diferente do que pensam os ocidentais viajar pelo oriente. Como em todos os países pouco colonizados, a hospitalidade particular, em tempos antigos, consistia em oferecer hospedaria, e êste costume simpático continuou por muitos anos como peculiaridade do Oriente. Nas grandes estradas que atravessavam as regiões arenosas e desabitadas, a necessidade de abrigo exigia construção rústica e simples, de tamanhos variados, conhecidos como caravançará, que ofereciam ao viandante a proteção de paredes, teto, água e pouco mais.

"As estruturas pequenas consistiam, às vêzes, de apenas uma sala vazia em cujo chão o viajante estendia seu tapête para dormir; as maiores sempre construídas em cavidades quadradas incluiam um átrio para os animais e tinham água. Desde antiguidade imemorável tem sido modo favorito de benevolência levantar tais abrigos, como existia nos tempos de Davi, quando Chimbam construiu um grande caravançará perto de Belém, na estrada das caravanas para o Egito."

Canon Farrar (Life of Christ, cap. 1) aceita a crença tradicional de que o caravançará no qual nasceu Jesus era uma das numerosas grutas de pedra calcária muito comuns na região e que ainda são usadas pelos viajantes como lugares de descanso. Diz: "Na Palestina o caravançará completo ou pelo menos a parte em que são alojados os animais, é uma daquelas inumeráveis grutas que existem muito nas rochas de pedra calcária de seus montes centrais. Êste parece ter sido o caso de Belém Ephratah, na terra de Judá.

Justin Martyr, o apologista, que, desde seu nascimento em Shechem, conhecia bem a Palestina, e viveu menos que um século depois do tempo de nosso Senhor, localiza a cena da natividade numa gruta. Isto é, na verdade, a tradição antiga tanto nas igrejas ocidentais como orientais, e uma das poucas que, embora sem registro na história do Evangelho, podemos considerar razoável.

3. *Herodes, o Grande* — A história de Herodes I, também conhecido por Herodes, o Grande, deve ser pesquisada em outras obras especiais, em que o assunto é tratado mais longamente. Em nosso presente estudo deveriam ser considerados alguns fatos principais e para ajuda dos estudiosos são dados aqui alguns extratos de obras consideradas fidedignas.

Condensado de parte de um artigo do Standard Bible Dictionary, editado por Jacobus, Nourse e Zenos; publicado por Funk and Wagnalls Co., em 1909: — Herodes I, filho de Antipater, cêdo recebeu encargos de seu pai, que havia sido nomeado procurador da Judéia. O primeiro cargo que teve Herodes foi o de governador da Galiléia. Era um jovem de vinte e cinco anos, atlético e enérgico. Imediatamente empreendeu a erradicação dos bandos de ladrões que infestavam seu distrito e logo conseguiu executar o chefe dos ladrões, Hezequias, e muitos de seus seguidores. Por isto foi convocado a Jerusalém pelo Sinedrin, julgado e condenado, mas em conivência com Hircano II (sumo sacerdote e etnarca) escapou à noite. — Viajou a Roma, onde foi indicado Rei da Judéia por Antonio e Otávio. — Nos dois anos seguintes estêve lutando contra as fôrças de Antígono, a quem finalmente venceu. Em 37 A.C., tomou posse de Jerusalém.

— Como rei, Herodes enfrentou sérias dificuldades. Os judeus objetavam contra êle por causa de seu nascimento e reputação. A família Asmonea considerava-o usurpador, não obstante o fato de haver se casado com Marianne. Os fariseus

ficaram chocados com suas simpatias helenísticas, assim como com seus severos métodos de govêrno. Por outro lado, os romanos deram-lhe a responsabilidade da manutenção da ordem em seu reino e proteção das fronteiras ocidentais da República. Herodes enfrentou essas várias dificuldades com energia e mesmo crueldade característica e geralmente com fria sagacidade.

"Embora taxasse o povo severamente, nos tempos de penúria suspendia as dívidas e vendia sua prataria para poder comprar-lhes alimento. Ainda que nunca tinha sido realmente cordato com os fariseus, êles aproveitaram de sua hostilidade para a facção dos Asmoneos, que levou à execução, no comêço de seu reinado, grande número de saduceus, que eram membros do Sinedrin.

No Comprehensive Dictionary of the Bible, de Smith, lemos: "A última parte do reinado de Herodes não foi perturbada por problemas externos, mas sua vida doméstica era molestada por uma série quase ininterrupta de injúrias e atos de vingança cruéis. Os atos terríveis de derramamento de sangue que Herodes perpetrou em sua própria família foram acompanhados por outros, igualmente terríveis, entre os seus súditos. De acôrdo com a história já bem conhecida, ordenou que os nobres, os quais convocou em seus últimos momentos, fôssem executados imediatamente depois de sua morte, para que pelo menos seu falecimento fôsse acompanhado de uma lamentação universal. Na ocasião de sua morte fatal é que deve ter ordenado o assassínio de todos os infantes de Belém." (Mateus 2:16-18)

O fim mortal do tirano e assassino é assim comentado por Farrar em seu livro Life of Christ, pp. 54,55: — "Herodes deve ter morrido pouco depois do assassínio dos inocentes. Apenas cinco dias antes de sua morte fêz um louco atentado de suicídio e ordenou a execução de seu filho mais velho Antipater. Seu leito de morte, que uma vez mais nos lembra Henrique VIII, foi acompanhado pelas circunstâncias de horror peculiar. Tem sido assegurado que morreu de uma moléstia abominável, que raramente é mencionada na história, exceto no caso dos homens que deixaram de ser famosos por perseguirem o povo.

Em seu leito de angústia intolerante, no seu palácio esplêndido e luxuoso, que construiu para si mesmo, sob as palmeiras de Jericó; solapado pela doença e abrasado pela sêde; ulcerado externamente e ardendo internamente em 'fogo brando'; circundado por filhos conspiradores e escravos espoliadores; detestando todos e detestado por todos; desejando a morte para descanso de suas torturas, embora temendo-a como o início dos piores terrores; aflito pelo remorso ainda não saciado com o assassínio, um horror para todos que o rodeavam e em sua consciência culpada o pior terror para si próprio; devorado pela prematura corrupção de um túmulo antecipado; comido por vermes como visìvelmente esmiuçado pelo dedo de ira de Deus, depois de setenta anos de maldade bem sucedida; o perverso velho homem, a quem chamavam o Grande, permanece em selvagem delírio, esperando sua última hora.

Como sabia que ninguém derramaria lágrimas por êle, determinou que deviam ser mortos muitos e editou uma ordem que, sob pena de morte, as principais famílias do reino e os chefes de tribos deveriam vir a Jericó. Êles vieram e, então, prendendo-os no hipódromo, secretamente ordenou a sua irmã Salomé que, no momento de sua morte, todos fôssem massacrados. Assim, sufocado como estava de sangue, devisando massacres em delírio, a alma de Herodes se afastou na noite."

Para menção do Templo de Herodes, veja a nota 5, no fim do capítulo 6.

4. *Dádivas dos sábios ao Menino Jesus* — O relato da escritura sôbre a visita dos sábios a Jesus e Sua mãe mostra que êles "se ajoelharam e o adoraram", e ainda que abriram seus tesouros, apresentaram-Lhe suas dádivas; ouro, incenso e mirra." A oferta de presentes a um superior, tanto no status do mundo ou reconhecida investidura espiritual, era um costume antigo e ainda prevalece em muitas terras orientais. Não sabemos se êsses homens do oriente ofereceram presentes a Herodes quando estiveram em seu palácio; entretanto, sabe-se que deram parte de seu tesouro ao Infante, em quem reconheceram o Rei que procuravam.

A tendência de dar um significado oculto a detalhes insignificantes mencionados na escritura, e particularmente no que se refere à vida de Cristo, tem feito com que muitos tenham sugestões fantasiosas a respeito do ouro, incenso e mirra especificado neste incidente. Alguns supõem um simbolismo meio escondido — o ouro, um tributo a seu status real; o insenso, uma oferta em reconhecimento ao Seu sacerdócio; e a mirra para seu sepultamento. O registro sagrado não dá margem a tal conjetura. A mirra e o incenso são resinas aromáticas, derivadas de plantas indígenas das terras do oriente, e têm sido usados desde tempos antigos na medicina e na preparação de perfumes e misturas de incenso. Encontram-se, presumìvelmente, entre as produções naturais das terras de onde vieram os magos, embora talvez sejam multo caras e não vulgares, mesmo lá. Junto com o ouro que é de grande valor em tôdas as nações, eram os presentes mais apropriados para um rei. Qualquer significado místico que se queira escolher para os presentes deve ser considerado como sua própria suposição ou fantasia e não com base nas escrituras.

5. *Testemunho dos pastores e magos* — A nota seguinte referente aos testemunhos do nascimento do Messias, é tomada do Young Men's Mutual Improvement Association Manual, de 1897-8: "Será observado que os testemunhos concernentes ao nascimento do Messias são de dois tipos extremos. dos humildes pastores do campo da Judéia e dos magos eruditos do oriente. Não podemos pensar que isto seja resultado de mera oportunidade, mas que nêles pode ser discernido o propósito e sabedoria de Deus.

Tôda Israel estava esperando a vinda do Messias e o nascimento de Jesus em Belém, a sua esperança — embora desconhecida para ela, foi cumprida. O Messias de quem fala o profeta, nasceu: 'Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: pois na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.' E como sinal da verdade da mensagem, deveriam encontrar a criança envolta em panos, deitada numa mangedoura em Belém. E foram com pressa e encontraram José e Maria, e o menino deitado na mangedoura; e quando viram, e divulgaram o que lhes havia sido dito a respeito do menino.

Deus levantou para Si mesmo testemunhas entre o povo, para testificar que o Messias havia nascido, que a esperança de Israel estava cumprida. Mas havia classes de pessoas entre os judeus que os pobres pastores não poderiam alcançar e se fôssem capazes de chegar até elas, a história da visita do anjo e o concurso de anjos cantando a magnificente canção 'Paz na terra, boa vontade para com os homens', seria indubitàvelmente considerada uma superstição folclórica, negada por suas próprias imaginações ou sonhos. Por isso, Deus levantou uma outra classe de testemunhas — os 'sábios do oriente' — testemunhas que poderiam entrar no palácio real do orgulhoso Rei Herodes e sem acanhamento perguntar: 'Onde está aquêle que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrêla no oriente e viemos a adorá-lO'; um testemunho de anjos que alarmou Herodes e preocupou tôda Jerusalém.

De forma que Deus suscitou testemunhas para Si mesmo, com o objetivo de enfrentar homens de todos os tipos e condições — para os pobres e humildes; um testemunho de sábios para o severo rei e orgulhosos sacerdotes da Judéia De forma que as coisas referentes ao nascimento do Messias e Sua morte e ressurreição dos mortos, Seus discípulos puderam dizer: 'estas coisas não foram feitas às escondidas.'"

6. *O ano do nascimento do Cristo* — Ao tratar dêste tópico o Dr. Charles F. Deems (The Light of the Nations, p. 28), depois de fazer considerações cuidadosas das estimativas, cálculos e presunções de homens que têm empregado muitos meios em sua investigação e alcançaram apenas resultados discordantes, diz: "É desagradável ver homens letrados usar os mesmos aparatos de cálculo e alcançar resultados dos mais divergentes. É confuso tentar uma reconciliação dêsses vários cálculos." Na nota anexa o mesmo autor afirma: "Por exemplo: o nascimento de nosso Senhor é localizado em 1 A.C. por Pearson e Hug; 2 A.C. por Scalinger; 3 A.C. por Baronius e Paulus; 4 A.C. por Bengel, Wieseler e Greswell; 5 A.C. por Usher e Petavius; 6 A.C. por Strong, Luvin e Clark; 7 A.C. por Ideler e Sanclemente."

SACERDÓCIO NAS MISSÕES

«SE EU FÔSSE VOCÊ»

por J. Willard Marriott

Se eu fôsse você, em primeiro lugar consideraria que estou vivendo na maior era da história da humanidade, época em que há mais conhecimento sôbre pràticamente tudo. E com êste entendimento advêm grandes oportunidades para o jovem que possui mente pesquisadora; que tem vontade de trabalhar e se preparar física, mental e espiritualmente. Gostaria de compreender que os jovens indolentes, desinteressados ou delinqüentes nada aproveitarão, a não ser algum confôrto material, vivendo nesta era de maravilhas.

Creio que um jovem pode realizar tudo quanto desejar se pagar o preço. Tôdas as coisas na vida têm um preço; em geral, quanto maior o valor daquilo que deseja, mais alto o preço. Há um elevado preço para os primeiros colocados na escola, para um bom caráter com fé em Deus, para um corpo saudável e limpo, para uma vida devotada a boas causas. Mas, o rapaz que realiza estas coisas se beneficiará com as bênçãos desta era. Será bem sucedido financeiramente, evitará os malefícios dos máus hábitos e será mentalmente vigoroso e espiritualmente feliz.

Felicidade é o objetivo de nossa existência. Qualquer coisa que façamos supõe-se que deve contribuir para alegrar nossa vida.

Se eu fôsse você, desligaria a televisão e poria mãos à obra. Trabalharia diligentemente na igreja, na escola e em casa, para que pudesse ter

mais dessa alegria de viver. Daria minha última gôta de energia para sobrepujar-me em tôdas estas três instituições: o lar, a escola e a igreja. Escolheria bons companheiros, os quais também objetivassem sobrepujar-se. Estudaria a vida de alguns homens de caráter proeminente e realizações destacadas e tentaria ser como êles. Há um homem especialmente a quem eu tentaria compreender — Jesus de Nazaré. Êle conheceu o sentido da vida e ensinou a um mundo enfêrmo como viver para receber felicidade. Oraria diante de cada problema real e viveria tão perto d'Êle, fazendo-O meu companheiro, de forma que fôsse possivel, atingir minhas metas.

Tentaria lembrar que nos tornamos fracos, inúteis e infelizes se nos submetemos à tentação, e que nos tornamos fortes, interessados, confiantes e felizes quando, segundo as palavras de Huxley: "Fazemos as coisas que deveríamos fazer, no momento em que devemos fazer, quer queiramos ou não fazê-las." Eu decidiria agora que a formação de um caráter forte merece os melhores esforços e que, se meu Pai Celestial é meu amigo, não poderei falhar.

Tentaria compreender que muitos fracassos na vida, financeiros, sociais e espirituais são causados por máus hábitos. Os hábitos fazem o homem — hábitos de trabalho, de estudo, de conduta pessoal, de orar — diferenciam um homem do outro. É dito que há pouca diferença entre um homem e outro, mas as pequenas diferenças tornam-se tremendas quando os hábitos são diferentes. Pense na diferença de vida entre um alcoólatra e um indivíduo comedido e controlado; entre uma pessoa industriosa e uma indolente; entre pais dedicados e amáveis de um lar cristão e outros egoístas e cruéis, sem o espírito de delicadeza e amor para com todos que fazem parte de sua família e ainda com os amigos.

Há muitos anos, ouvi um discurso de Justice Sutherland, membro da Suprema Côrte, para uma turma de bacharelandos. Jamais o esqueci. Êle disse: "Vocês podem ser formados por esta grande instituição, ganhar muito dinheiro, tornarem-se poderosos na política ou em qualquer outra atividade; mas, provàvelmente, terão um fim miserável, infeliz e fracassado na vida se tiverem máus hábitos e não viverem uma vida cristã."

Novamente, quero salientar que esta era de ouro, na minha opinião, oferece tudo ao jovem que primeiro desenvolve um bom caráter e vive uma vida cristã. Êle pode, sob êste alicerce, obter tôdas as bênçãos que vêm através do trabalho, instrução e oportunidade.

Se eu fôsse você, seguiria o conselho do Mestre quando disse: "Buscai, pois, primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas." (3 Nefi 13:33.) As experiências de minha vida têm-me ensinado, tão seguramente como a noite sucede ao dia, que essa promessa se cumprirá à medida que "tôdas estas coisas" contribuirem para nosso bem estar e felicidade aqui na terra e na vida eterna.

Não desperdice tempo; você já tem tão pouco. Êle é o seu maior patrimônio. Hoje é o único dia do qual você tem segurança; o ontem já se foi; o amanhã talvez nunca chegue. Horace Mann disse: "Uma vez perdido o ontem (não hoje) em algum momento, entre a aurora e o arrebol, duas horas douradas — cada uma com sessenta minutos preciosos — não é oferecida nenhuma recompensa para elas, pois se passaram para sempre."

Em sua idade, você está se preparando para a vida. As oportunidades desta era de ouro não virão mais tarde. O tempo desperdiçado agora prejudicará todos os seus dias, mas o aproveitamento, edificará para si mesmo uma vida rica, bem sucedida e feliz.

Dados biográficos

Nascido em Utah, J. Willard Marriott é fundador da Hot Shoppes, Inc., uma cadeia de restaurantes nacionais, da Marriott Motor Hotels, e opera um rancho de 5.000 acres na Virgínia. É formado pelo Weber College e pela Universidade de Utah. Serviu missão e por nove anos foi presidente da Estaca de Washington (DC), e atualmente é encarregado do comitê de capelães mórmons SUD, do serviço militar dos EUA. Os Marriotts têm dois filhos e três netos.

Auscultando meu coração

MARGARET BUNEL EDWARDS

Eu sorria quando fechei a porta. A perplexidade de meu paciente não poderia ter sido melhor demonstrada se me houvesse dito: "Como é possível ser um psiquiatra competente, sendo surdo?

Voltando à mesa, pensei nos vários motivos que possibilitavam que assim fôsse. O gravador oculto, do qual minha secretária transcrevia notas, era um dêles. A leitura labial e meu aparelho auditivo eram outros.

Mas, o maior patrimônio era algo intangível, uma dádiva de amor recebida no verão em que completei 12 anos de idade e quando uma infecção do ouvido deixou-me quase totalmente surdo.

Como fiquei amargurado! De olhos fechados, dedos tamborilando sôbre a mesa, experimentei a frustrada emoção de auto compaixão que descolorira meus pensamentos e ameaçara deixar-me cego.

Súbitos planos para umas férias longe de casa me afligiram e assombraram. Apesar dos meus protestos, meus pais aprontaram as malas. Carregamos o carro e rumamos para a província de Quebec. Nosso destino era mesmo Kamouraska, uma pequena e isolada colônia de pescadores, onde meu pai havia estudado francês e colhido elementos para defesa de tese.

A vila era bem próxima à linha costeira do largo rio São Lourenço. Defendia-se precàriamente contra as marés marítimas que enchiam as águas do rio com vidas que vinham das profundidades.

"Eu conheço êsse povo de pescadores", tranqüilizava-me meu pai, escrevendo num pedaço de papel. "Êles têm alguma coisa a ensinar-lhe, creia-me."

Ensinar-me o que, se mesmo que os ouvisse falar, não entenderia uma palavra de francês!

Mas a melancolia e desalento não são próprios de um jovem de 12 anos, e a curiosidade afastou-me da casa que havíamos alugado. Fascinado, eu observava as ondas arrebentarem sôbre as pedras molhadas. Assim que a água recuava, corria a procurar nas poças formadas nas fendas e reentrâncias pequenas e estranhas criaturas que, porventura, houvessem ficado.

E logo arranjei um silencioso companheiro, mais ou menos de minha idade. Que sujeito esquisito! Seus olhos eram vesgos e usava óculos de aros de aço; seus dentes tortos e

salientes. Meias pretas cobriam suas pernas magras, acomodando um pouco o aparelho que trazia num dos pés. Mas, conhecia os melhores lugares para brincar, tinha permissão para usar um pequeno bote, e eu gostava cada vez mais de sua reservada companhia.

"É pena que Jean Paul seja tão feio", observei um dia. "Se ao menos êle se parecesse com a mãe? Ela tem lindos olhos castanhos!"

"Jean Paul é filho adotivo", escreveu meu pai.

"Então porque os Levesque não escolheram qualquer outro", retruquei realmente surprêso, "qualquer um que tivesse os olhos corretos ou os pés normais, pelo menos?"

"Êles aceitaram Jean Paul porque ninguém mais o queria," foi a resposta, e tive vergonha de meu espanto. Eu me senti humilhado quando pensei no bem equilibrado e corajoso casal que amou um deficiente pràticamente abandonado.

Os dias passavam-se agradável e ràpidamente. Uma pequena ilha, ao largo, com a vegetação começando na linha da maré alta, fornecia a paisagem para tôdas as atividades que dois meninos pudessem imaginar. Jean Paul e eu nos tornamos amicíssimos. A brisa fresca, carregada de maresia, enchia nossos pulmões de saúde e vigor.

Todavia, sempre me voltava à mente o pensamento: Que vim eu aprender com êsses humildes moradores? Êles pescavam e trabalhavam como seus avós e viviam despreocupadamente seus dias, nesse pequeno e isolado lugarejo.

Então certa manhã, todos os que podiam dispor de algum tempo rumaram para o enorme e espaçoso campo ao fundo dos estábulos, para apanharem uvas do monte. Um sol forte abrazava aquêle grupo festivamente vestido e alegre.

Na companhia de meus amigos, cercado pelos felizes praianos, com seus espíritos borbulhando, partimos. A caçamba para as frutas pendia do meu pescoço, permitindo-me liberdade em ambas as mãos para a apanha. As velhas canções populares franco-canadenses atravessavam finamente meus ouvidos, e percebi que todos cantavam alegremente, enquanto caminhávamos ao compasso da música através do campo.

Arbustos baixos cobriam o extenso campo de videiras esparsas e baixávamos ávidamente na tarefa de encher nossas caçambas com as maduras e vermelhas frutas. Absorto naquilo que estava fazendo, afastei-me do grupo. Sòmente quando sentei-me cansado sôbre uma grande pedra é que notei que Jean Paul estava um pouco distante.

Contudo, vi um grande capão de mato logo atrás de mim, e eu decidi, então, tentar explorar seus adumbrados segredos.

Que sensação agradável penetrar nas sombras frescas depois de longa caminhada ao sol. Mas, enquanto avançava devagar, olhando curiosamente tudo, caí pesadamente no fundo de um buraco.

Sem respiração e sentindo-me agitado, examinei ao meu redor. A cova tinha pouco mais de um metro de largura e, por mais que espichasse, meus braços não alcançavam o tôpo. Enterrei meus dedos na terra e tentei trepar, mas, meus sapatos escorregavam e eu caia.

Encostado no fundo de minha prisão, puz-me a pensar. As árvores escondiam o buraco. E ninguém teria possibilidade de ouvir um brado de socorro em meio à algazarra e cantoria dos apanhadores.

Desesperadamente meus dedos crispavam-se no chão. Ràpidamente, ajuntei punhados de terra úmida e comecei a lançá-los para o ar. Seguramente eu me achava perdido. E qualquer pessoa que visse punhados de terra serem jogados de entre as árvores ficaria curiosa e procuraria investigar.

Meu braço pendeu cançado de tanto jogar terra e justamente quando estava pensando terem sido inúteis todos os meus esforços, uma fisionomia espantada apareceu na boca daquele buraco.

"Socorro, socorro", berrei, para ser visto.

Duas mãos calejadas e fortes se estenderam em minha direção e eu as agarrei firmemente. Então a minha resgatadora, uma senhora de olhos negros e com um lenço azul amarrado em seus longos cabelos, puxou-me para cima e consegui pisar têso à borda do buraco.

Mais tarde, quando contei aos meus pais o acidente, tive que rir do que se seguiu. "Pai, você sabe o que a mulher francesa fêz depois que me tirou do buraco?"

Êle sacudiu a cabeça.

"Ela olhou na caçamba para ver se não havia caído nenhuma uva. E, como coisa secundária, apalpou meus braços e pés para ver se não havia nada quebrado."

A penumbra descia firmemente sôbre as asseadas habitações de madeira da vila quando retornávamos à nossa pequena casa. A luz do lampião tremulava suavemente sôbre os garridos tapêtes de pano trançado no assoalho de pinho.

Eu me sentia satisfeito por poder deitar-me sôbre as almofadas do sofá para aliviar minhas costas da incômoda posição mantida durante a colheita das uvas do monte. O fogão a lenha foi aceso e logo a junta estaria quente. Quão agradável seria repousar em meu colchão de molas nesta noite.

Logo mais, sentado à mesa, untei o consistente pão francês com uma generosa camada de manteiga fresca e comi-o sôfregamente.

Vi minha mão encaminhar-se para a porta e compreendi que alguém havia batido. Curioso, saltei para abrir a porta de pinho.

E ali, sorrindo modestamente, estava Jean Paul e sua mãe. Nas suas mãos ela segurava uma rasa cesta de vime trançado, onde havia uma torta de uva dourada e com um cheiro delicioso.

Distantes exclamações de satisfação e confuso voserio soavam indistintamente em meus ouvidos. Subitamente, palavras, som e audição não mais faziam diferença. A mensagem de bondade e afeição perpassou límpida e clara, ao achar-me entre o grupo reunido à porta.

E, então, compreendi que eu havia acabado de aprender a minha indefinível e misteriosa lição. Êsses amigos me haviam ensinado a ouvir com o coração.

A intimidade daquele entardecer distante ainda vivia em mim. Voltei ao relatório datilografado que estava sôbre minha mesa, pronto para estudar o caso do meu paciente. E ao conteúdo dos fatos, adicionaria o sentimento e a impressão que deixara a sua presença.

Sim, esta dádiva de compreensão, recebida em dias tão afastados, suplementa minhas pesquisas com uma emoção vital.

Ainda agora, ela me ajuda a achar decisões sábias, como se estivesse auscultando meu coração.

INAUGURADA E DEDICADA CAPELA DE LONDRINA

No dia 11 de janeiro último, foi realizado o serviço de ação de graças para a capela de Londrina, PR, seguindo-se a recepção aos presentes, sendo servido um bufê sob a direção do Presidente do Ramo, Irmão Waldomiro Lopes Meneses.

Entre os convidados especiais incluiam-se o Pres. A. Theodore Tuttle, da Missão Sul-americana; Pres. e Sister Finn B. Paulsen, da MBS; Élder e Sister Floyd A. Johnson, Supervisor de Construção do Brasil; Pres. Gustav Salik e Pres. e Sister Stewart Dawson Burton, respectivamente, 1º e 2º Conselherios da Missão Brasileira do Sul.

O Presidente Meneses, falando à congregação, disse: "Estamos aqui nesta noite para agradecer a êsses jovens missionários que vieram de diversas partes do Brasil para construir esta capela da Igreja de Jesus Cristo, que foi realmente feita com amor. Êste ramo recebeu a influência de seus afáveis espíritos e agradecemo-lhes pelo maravilhoso trabalho que fizeram."

O Presidente Paulsen também proferiu algumas palavras, dizendo: "Nesta Igreja acreditamos que temos inspiração e eu sei que foi através dela que se iniciou o programa de construção, atualmente levado a cabo em vários países. Em anos passados, para construirmos levávamos muito tempo, mas agora êste programa desenvolve êsse trabalho de um modo diferente. Muitos são chamados na missão para participar. Êles estão construindo não sòmente uma casa, mas trabalhando para nosso Pai Celestial. Nestes edifícios, as crianças aprenderão sôbre Deus e se tornarão bons cidadãos, porque serão ensinadas a guardar os mandamentos do Pai e as leis da nação."

Élder Johnson, que foi o supervisor da obra, louvou os missionários pelo seu trabalho, dedicação e amor. Também ressaltou o desvêlo da irmã Esther Carvalho, que não apenas preparou a comida para os rapazes, mas foi para êles realmente uma verdadeira mãe.

Vindo da sede do Comitê de Construção da América do Sul, em Montevidéu, Uruguai, o irmão Arthur Allen deixou para os irmãos um breve voto de reconhecimento, dizendo: "É um privilégio estar em reunião com um grupo dos escolhidos de Deus, pessoas a quem o Senhor separou para fazer o Seu trabalho. Esta capela é um testemunho de que vocês o fizeram bem. Em tôda a América do Sul, estamos usando o exemplo de Londrina para mostrar como devem ser construídas as capelas da Igreja. O exemplo dêstes missionários serve para todos. Não podemos nos esquecer também do trabalho de sua "mãe" e a afeição que dedicaram a Élder e Sister Johnson. Êste é um testemunho do trabalho do Senhor; um testemunho de que vocês realmente são o povo escolhido de Deus."

Inspiradoras foram as palavras do Presidente A. Theodore Tuttle: "Concordo com o que os demais irmãos disseram. O Senhor diz que o homem deve ansiosamente comprometer-se em uma boa causa. Não há progresso no ócio — sòmente no trabalho. O propósito da vida é possibilitar que o homem trabalhe e obtenha desenvolvimento. Há uma bênção para cada lei que cumprimos. Os missionários aquiesceram essa lei e receberam seu prêmio, a capela...

"Há dois propósitos no programa de construção: 1. edificação de capelas e 2. edificação de homens. Êste último é o mais importante e duradouro. A alma do homem é eterna; as suas características inerentes também. Êstes jovens erigiram qualidades que permanecerão pela sua vida eterna. Esta Igreja dá aos seus membros oportunidade de progredir e elevar-se na vida."

Agradável foi a presença do Prefeito, que não se furtou em proferir as palavras de encerramento da reunião. "É uma grande satisfação para mim", disse êle, "vir aqui como Prefeito. Tenho sempre interêsse em qualquer construção feita nesta cidade, porque, quando uma capela é construída, temos mais lugares onde os homens poderão aprender a melhorar suas vidas e a amar ao seu próximo. A história dos mórmons no mundo inteiro fala da coragem e da capacidade de trabalho em prol de seu semelhante. Eu me congratulo com todos os membros desta Igreja pela inauguração desta bonita capela, na qual os indivíduos têm oportunidade de meditar e lembrar de Deus, e, dessa maneira, conseguir se aproximar d'Êle cada vez mais. E se houver necessidade de ajuda, desejo estar presente, porque sei que nesta sala existirão os meios para ajudar as crianças a se tornarem melhores."

No dia seguinte à inauguração, verificou-se a dedicação da capela de Londrina, construída sob a supervisão do irmão Floyd A. Johnson e seu esforçado grupo de missionários construtores.

Após a abertura, oração e um belíssimo número musical pelo côro do ramo, Élder Johnson falou, expressando a satisfação que tanto êle como sua família tiveram ao ajudarem os membros daquela cidade a construirem a sua casa de oração. Elogiou o Presidente do Ramo pela fé e dedicação ao trabalho do Senhor. Ao

entregar as chaves ao Presidente Meneses, expressou sua esperança de que todos os membros amem e respeitem sua nova capela e tratem-na com reverência.

Salientando a grande responsabilidade que representava o fato de estar agora de posse das chaves, o Presidente Meneses salientou que gostaria de dividir essa responsabilidade e também privilégio com os membros do ramo. Convidou todos os santos a colaborarem consigo na propagação do evangelho, declarando que tem dedicado todos os seus esforços a tal propósito. Agradeceu também aos missionários pelo trabalho magnífico que realizaram naquele ramo.

O Presidente Stewart Dawson Burton, referindo-se aos missionários construtores, disse que êles "parecem jovens simples e comuns, mas se alguém auscultar seus corações notará que não são simples e comuns. São diferentes, e isso porque em seus corações se acha um firme testemunho do Evangelho de Jesus Cristo. Nós não nos sentimos orgulhosos, porém muito felizes de que esta capela tenha sido construída para ensinar ao povo da cidade de Londrina o plano de salvação."

Cerimônias como essa sempre ficam gravadas na memória dos santos. Sister Lydia Johnson disse que ainda se lembrava da dedicação da capela de sua ala, quando era criança. Seu avô é que foi o supervisor de construção. Considerou que a edificação daquela capela era "um milagre de fé e obras", e concluiu com um poema:

Seus alicerces o suor lançou,
Esperança murou cada aposento;
Qual fé, o fôrro se elevou;
Numa liga de alegria e cimento.
Humildade foi a pedra dêste altar,
Paciência, a lanterna do caminho;
O amor veio a obra coroar:
Guardemo-lo com zêlo e carinho.

Logo a seguir foram ouvidas as palavras do antigo Presidente do Distrito, irmão Irineu Silveira Petry, que mencionou como o terreno foi adquirido, há sete anos passados. Disse também: "Há quase 2.500 anos atrás construía-se a primeira capela neste continente, quando esta terra foi dedicada para êste evangelho. Hoje, estamos apenas reconquistando o terreno perdido."

O missionário construtor Carlos Alberto Fusco falou em nome de todos os missionários construtores, dizendo que a capela "foi um sonho que se tornou realidade". Continuando, disse: "Há dois anos atrás, quando se iniciou a construção, não podia imaginar como me sentiria feliz em virtude desta obra; como me sentiria ao ver a capela terminada, para cuja finalidade dediquei todo o meu tempo e esfôrço. Eu não podia imaginar que seria tão grande a satisfação. Todos os rapazes que trabalharam aqui sentem o mesmo. Tivemos amor e harmonia e trabalhamos juntos com respeito e consideração. Tivemos um líder especial, inspirado pelo nosso Pai Celestial."

Em nome dos missionários agradeceu aos santos de Londrina, que forneceram tudo o que precisaram para seu confôrto, principalmente à "mãe" Esther, que cozinhou para êles durante todo o período da construção e os tratou como verdadeiros filhos. Terminou suas palavras com um forte testemunho do evangelho e do programa de construção, dizendo que sabia que era inspirado porque o viveu dois anos e meio.

Falando o Presidente Paulsen, disse: "Senti o espírito de amor, cooperação, felicidade, trabalho e dedicação dêsse grupo. Tôdas essas virtudes vieram de Deus. Êste é o espírito de unidade que devemos desenvolver, independente de nacionalidade. Aos olhos de nosso Pai Celestial, somos todos irmãos e irmãs. A única solução para os problemas do mundo de hoje é a mensagem que êste evangelho está dando todos os dias."

Encerrando a reunião o Presidente A. Theodore Tuttle ofereceu a belíssima oração dedicatória da capela, após haver dito palavras de agradecimento e louvor aos membros e missionários e de haver explicado o propósito da construção, alem de ter deixado seu testemunho da inspiração de tal programa e da veracidade do Evangelho.

Trabalho de santos coroado com dedicação

No dia 12 de janeiro próximo passado, os membros da Missão Brasileira do Sul foram abençoados com a dedicação de duas capelas.

No domingo cêdo foi dedicada a capela de Londrina e logo após a cerimônia o Presidente Tuttle e o Presidente Paulsen tomaram um avião e foram encontrar-se com os santos de Curitiba que os aguardavam ansiosamente para assistirem e ouvirem a oração dedicatória que seria proferida pelo Presidente da Missão Sul-americana. Esta foi a coroação do trabalho empreendido durante vários meses pelos santos locais.

Estiveram presentes o irmão Arthur T. Allen, Supervisor de Construção da Missão Sul-americana; irmão e irmã Floyd Johnson, Supervisor de Construção do Brasil, Uruguai e Paraguai; Presidente Gustav Salik e Presidente Stewart D. Burton, respectivamente, 1º e 2º Conselheiros da Presidência da Missão Brasileira do Sul.

A capela do 1º Ramo de Curitiba foi a terceira construída naquela Missão a ser dedicada.

Pedra da Gávea testificaria o Livro de Mórmon?

texto: IRINEU SILVEIRA PETRY

fotógrafo: ÉLDER CHARLES L. COLLINS

Na têmpora direita da pedra esculpida, há inscrições que, embora um pouco desgastadas pelo tempo, ainda podem ser vistas com boa nitidez.

Há uma hora de viagem de carro do pôrto do Rio de Janeiro, acha-se um pico, próximo à praia de Copacabana, que se chama Pedra da Gávea. É visível na maior parte da cidade e tem sido ponto de atração para muitos turistas estrangeiros e mesmo nacionais.

Eleva-se a 842 metros acima do nível do mar e é objeto de curiosidade geral, pois seu tôpo desenha uma mística face humana, olhando para os horizontes longínquos. Nuvens brancas e espessas constantemente a envolvem e coroam.

Que mistério estará guardando essa pedra? Que antiga história ela poderá relatar?

Se a Pedra da Gávea pudesse falar, talvez fizesse estremecer um pouco mais os alicerces religiosos do mundo. Mas, como o homem tem

Sem o auxílio de nosso guia, não teria sido possível irmos até o tôpo da pedra que parece mesmo ser a representação de uma figura humana.

Para que seja atingida a pedra, é preciso cortar uma floresta densa e subir pequenos montes, do alto dos quais se vê a face da Gávea.

Da estrada que passa bem embaixo do local onde se ergue a Pedra da Gávea, pode-se reconhecer perfeitamente a face e o corpo da figura.

(Algumas das fotos que aparecem nesta reportagem foram gentilmente cedidas pelo sr. Carlos Eduardo Torres a quem agradecemos.)

que reencontrar seu Criador através da oração e da fé, ela continuará ainda por algum tempo em seu silêncio milenar.

A revista "Manchete", de 3 de fevereiro dêste ano, trouxe uma reportagem sôbre supostas antigas inscrições que se acham gravadas num dos lados da cabeça esculpida da citada pedra.

Levando fotógrafos e arqueólogos, a revista fotografou tais inscrições. Um dos arqueólogos que participou de tal excursão é da opinião que os caracteres inscritos, provàvelmente são egípcios.

Isso despertou nosso interêsse e rumamos ao Rio de Janeiro. Lá, com alguma dificuldade, localizamos um dos fotógrafos da expedição, sr. Kraus, o qual nos colocou em contato com o Instituto Arqueológico do Rio de Janeiro.

O vice-presidente dessa entidade, sr. Bandeira, recebeu-nos atenciosamente. Quando lhe mostramos o Livro de Mórmon e fizemos um pequeno relato de seu conteúdo, ficou realmente interessado e mostrou-nos uma outra pedra contendo inscrições egípcias bem nítidas. Esta pedra foi destacada de uma outra maior, encontrada há algum tempo no Piauí, por ocasião de certas pesquisas verificadas por arqueólogos naquele estado.

Em seguida, fomos apresentados ao sr. Roldão Pires Brandão, um dos arqueólogos da excursão de "Manchete". Em conversa, o sr. Brandão disse acreditar que a Pedra da Gávea fôra esculpida por uma civilização vinda da Índia. Via também a possibilidade de ser túmulo de algum rei antigo, para cujo fim abriram galerias na rocha.

Êle acreditava, ainda, que as inscrições da pedra são egípcias, embora não desprezasse a opinião da maioria de seus colegas do Rio de Janeiro, que consideram-nas apenas produto da erosão secular. Presenteamo-lo com um exemplar do Livro de Mórmon e, interessado, prontificou-se a acompanhar-nos até a Pedra da Gávea, três dias mais tarde. Entretanto, em virtude de o dia ter amanhecido chuvoso, a escalada ficou adiada e depois foi impossível ser realizada.

Com a indicação do sr. Brandão, entramos em contato com o alpinista Carlos Eduardo Torres, que exibiu-nos alguns *slides* coloridos da Pedra da Gávea, inclusive das controvertidas inscrições.

O alpinista e fotógrafo Carlos Eduardo Torres, mais experimentado em abrir caminho na mata, seguiu à nossa frente durante todo o percurso.

Em virtude da sêca e inexistência de quaisquer víveres em tôda a região onde iríamos passar, levamos o necessário para a alimentação.

(Agradecemos aqui a tôdas as pessoas que nos auxiliaram neste empreendimento, principalmente o sr. Bandeira.)

A estrada que encontramos tem várias centenas de anos.

Nesta choupana, na base da montanha, vive uma família.

A título de colaboração, cedeu-nos as fotografias que quizemos, autorizando-nos a fazer delas o uso que bem nos aprouvesse. E, contagiado pelo interêsse crescente que demonstramos, ofereceu-se para conduzir-nos à famosa pedra.

Na manhã seguinte, com nossos cantis cheios de água, empreendemos a escalada. O guia Carlos Eduardo prevenira-nos de que naquelas alturas tudo era muito sêco e que a falta de água já havia causado, anteriormente, várias dificuldades e dissabores a diversos excursionistas menos avisados.

Após uma hora e meia de marcha, chegamos, então, a uma esplanada, de nome Praça da Bandeira. Dessa praça, rumamos um pouco à esquerda, por dentro do mato, e nos defrontamos com um rosto esculpido na Pedra, em tôda a sua mística beleza. Fotografamos o rosto, que, a nosso ver, tem traços de um indivíduo pertencente à raça branca (nefita), e continuamos nossa subida.

Embaixo das inscrições há uma caverna, que pode servir de abrigo.

Ao aproximar-se o meio dia, após quase quatro horas de escalada, alcançamos o pico, bem embaixo do nariz do rosto esculpido. Como não tínhamos levado cordas ou grampos de ferro, para a escalada frontal, fomos obrigados a dar uma pequena volta pelo mato. E, sob o ôlho direito e abaixo do nariz, encontramos uma pequena galeria. Levantando a vista nessa mesma direção, na têmpora direita, pode-se ver nìtidamente as inscrições.

Perto dêsse local, encontramos outra galeria maior, em cujo interior, com satisfação, achamos um pouco de água que se acumulava em depressões da rocha, pingando do teto. O guia explicou-nos que essa água era proveniente da chuva do dia anterior e da humidade das nuvens que envolviam a Pedra e se filtrava através dela. Essas as galerias, que, segundo a opinião do sr. Brandão, conduziam ao túmulo de algum rei antigo que lá deve estar enterrado.

Com alguma dificuldade subimos até à face da Pedra e alcançamos as inscrições. São de caráter cuneiforme e medem quase 3,5 m de altura. Em virtude das nuvens que envolviam o fôpo, não pudemos fotografá-la. Todavia, o sr. Carlos Eduardo prometeu suprir a deficiência, fornecendo-nos um *slide* colorido das gravações.

Em nossa opinião, não aceitamos que aquelas reentrâncias na pedra sejam fruto da erosão. Concordamos que esta atuou sôbre elas, mas a sua uniformidade e ausência de veios nos fazem pensar em labor humano. Acreditamos, como o sr. Brandão, que a pedra foi lavrada por uma civilização, contemporânea ou anterior ao Livro de Mórmon.

Ao iniciar a descida, há uns duzentos metros da face da Pedra, encontramos uma trilha na selva, calçada de lages de pedras, como se fôra uma minúscula estrada. Pensamos ser obra dos escaladores, para facilitar a subida, mas, o nosso excelente guia disse que, tanto quanto se sabia, essa trilha calçada existe desde antes do descobrimento do Brasil.

Seria, então, a trilha de acesso do povo antigo que entalhou aquêle rosto e as inscrições?

Essa trilha calçada é intermitente. Entra nas selvas, desaparece em certos trechos, reaparece em outros, sem que se saiba onde começa. As opiniões sôbre ela também se dividem, aumentando o mistério da Pedra da Gávea.

Esperamos que com as fotos publicadas nesta reportagem, cada qual possa tirar suas próprias conclusões e que ela também desperte o interêsse dos membros da Igreja para o assunto.

Resurrezione

É morta a prece nos teus lábios frios.
Tange a emoção! Entorna o incenso n'alma.
Irrompe o fluido universal! Distila
gôta por gôta, vivo, o pensamento!

Infiltra as mãos além na projeção
da súplica... Desliza no teu rosto
terços de madrepérola. Inebria-te.
Revoluciona o peito e ressuscita
dos escombros da carne entorpecida...

Flutua célere até a linha rubra
do sol-pôsto. Recolhe dentre as núvens
as pétalas dos astros. Ouve, longe,
a voz dos campanários de ti mesmo.

Sente o aroma das giestas quando é noite
e então retorna, humilde e silencioso,
para guardar na ânfora esquecida
a resposta de Deus.

Jane Arduino Perticarati
("O Tanque de Betesda")

Devolva a
A LIAHONA
Caixa Postal 862 — São Paulo, SP, Brasil.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO

JATOS

SERVINDO AS AMÉRICAS

SERVIÇOS INTERNACIONAIS

NOVA YORK
MIAMI
LOS ANGELES
BUENOS AIRES
MONTEVIDÉO
CARACAS
LIMA
BOGOTÁ
PANAMÁ
MÉXICO
SANTO DOMINGO
ASUNCIÓN

VARIG